

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

SARA TEIXEIRA CHAUSSÊ DE FREITAS

**A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM
CARACTERÍSTICAS DO TDAH:
REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA**

JOÃO PESSOA – PB

2015

SARA TEIXEIRA CHAUSSÊ DE FREITAS

**A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM
CARACTERÍSTICAS DO TDAH: Reflexões e Contribuições da Pedagogia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade da Paraíba, em
cumprimento as exigências para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora MS. Santuza Mônica de
França Pereira da Fonseca

JOÃO PESSOA – PB

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PRAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO

SARA TEIXEIRA CHAUSSÊ DE FREITAS

**A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM
CARACTERÍSTICAS DO TDAH: Reflexões e Contribuições da Pedagogia**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado a banca examinadora
do Curso de Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba
como requisito às exigências para
obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____

Profa. MS. Santuza Mônica de França Pereira da Fonseca
Orientadora

Profa. Dra. Sandra Alves da Silva Santiago
Examinadora

Profa. Dra. Alasia Santos Ramos do Nascimento
Examinadora

JOÃO PESSOA - PB
2015

“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus Santo e Soberano, razão da minha existência, sem o qual eu não teria chegado até aqui. Ao Rei dos reis, Senhor dos senhores, a Ele seja pois, a glória eternamente amém, pois tudo o que tenho, tudo o que sou ou que vier a ser vem do Senhor meu Deus.

A minha família, Ricardo esposo amado sempre compreensível, aos meus filhos Bruno, Caio e Déborah, meus primeiros incentivadores para caminhar nessa jornada. A minha filha Déborah por caminhar junto comigo, nas leituras e correções dos meus trabalhos, jamais esquecerei suas mensagens de encorajamento com palavras animadoras demonstrando seu cuidado e amor por mim, dizendo: “minha mãe, não desista, a senhora é um exemplo para mim, de determinação coragem e fé, Deus está contigo, portanto prossiga”. As minhas noras Taua e Anete pela força e carinho que demonstraram na minha caminhada, meu muito obrigada!

Agradeço aos meus pais Juracy e Terezinha, canal utilizado por Deus para me trazer ao mundo, por terem dedicado grande parte de suas vidas para me oferecer a melhor educação, sempre renunciando os seus desejos em função do amor aos seus filhos.

Agradeço a minha orientadora professora MS. Santuza, que caminhou comigo na construção desse trabalho, doando um pouco do seu tempo para as orientações devidas, demonstrando dedicação, compromisso e zelo no que faz.

Agradeço ao meu ex-aluno Samuel Pabllo, uma criança amável com seu jeito peculiar único de ser, que mesmo com a presença das características do TDAH, é uma criança inteligente e criativa. Foi a partir das nossas experiências profundas e muitas vezes difíceis, vividas na função de professor e aluno, que despertou em mim o interesse em aprofundar os meus conhecimentos sobre o transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade.

Aos meus colegas de graduação, agradeço pelo companheirismo e atenção nesses quatro anos onde foi possível dividirmos nossos anseios, vitórias e frustrações, com humor e perseverança e por compartilhar comigo os seus saberes.

A toda equipe da Escola Municipal Rui Carneiro, pela grande colaboração nas minhas pesquisas, meu muito obrigada.

Enfim sou grata a todos os meus amigos que, de alguma forma, contribuíram para a minha caminhada nesses quatro anos de graduação, torcendo pela minha conquista.

RESUMO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é comum na infância e pode ter um impacto significativo sobre o desenvolvimento posterior, acompanhando o indivíduo até a vida adulta. É um transtorno neurobiológico de causas genéticas, mais bem pesquisado. Quanto ao diagnóstico, o ideal é que seja feito precocemente, pois irá garantir um resultado positivo no seu tratamento, permitindo a criança ter uma melhor qualidade de vida. A pesquisa apresentada tem como o objetivo geral analisarmos a relação escola e família na inclusão da criança com características do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, buscando à luz dos referenciais pedagógicos propor reflexões e contribuições para melhoria do processo. Tivemos como objetivo específicos identificar o nível de conhecimento das famílias e dos professores sobre o TDAH, bem como verificar as estratégias que a família e a escola utilizam para incluir essa criança socialmente. Através dos dados coletados na pesquisa tipo exploratório qualitativa com aplicação de questionário, constatamos que os professores e a família não possuem conhecimentos suficientes sobre TDAH, assim como não possuem conhecimento necessário sobre a inclusão e como ela deve acontecer. Partindo desses dados, buscamos oferecer aos sujeitos da pesquisa e interessados no tema, um embasamento teórico que possa auxiliá-los no trabalho com criança com o transtorno. Acreditamos que, para a criança ser incluída no ambiente escolar, será necessária uma intervenção pedagógica bem planejada com a participação efetiva dos pais a fim de que essa criança consiga se desenvolver afetivamente e socialmente. Procuramos mostrar que professores e pais podem de maneira eficaz, auxiliar a reintegração dessa criança aos grupos sociais e possibilitar a estimulação e valorização do seu aprendizado.

Palavras-chave: TDAH, Professor, Família, Inclusão.

ABSTRACT

Attention deficit hyperactivity disorder (ADHD) is a common disorder in childhood and may have a significant impact on the individual's development, following him into adulthood. This disorder is considered one of the most investigated neurobiological disorders of genetic causes. Regarding diagnosis, it is advisable to be done early, as it will ensure a positive outcome in the treatment, allowing the child to have a better quality of life. The general purposes of this research were to analyze the relationship between school and family in the inclusion of children with Attention Deficit Hyperactivity Disorder, and to try to present reflections and contributions to inclusion process improvement based on the pedagogical knowledge. The specific purposes of this research were to identify the level of knowledge of families and teachers about ADHD, and to verify the strategies used by them in the social inclusion of the child. Through the collected data in the exploratory and qualitative research with questionnaire, was observed that the teachers and the family do not have enough knowledge about ADHD, and do not have necessary knowledge on inclusion. Based on these data, was presented to the subject of research and interested in the subject, a theoretical foundation that can help them in working with children with the disorder. We believe that there needs to be a well-planned educational intervention with parent's participation, so that the children can be included in the school environment, and develop their social and emotional skills. We aimed to show that teachers and parents can assist effectively in the reintegration of the children to social groups and make possible the stimulation and appreciation of learning.

Keywords: ADHD, Teacher, Family, Inclusion

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado
ABDA- Associação Brasileira de Déficit de Atenção
CID- Classificação Internacional das Doenças
DEL- Transtorno da Comunicação
DDA- Distúrbio de Déficit de Atenção
DMS- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EEG- Eplepsia ou Eletroencefalograma Alterado
EJA- Educação de Jovens e Adultos
FUNAD- Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência
LDB- Lei de Diretrizes e Base da Educação
PETI- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
TA- Transtorno de Aprendizagem
TA- Transtorno de Ansiedade
TAB- Transtorno Afetivo Bipolar
TC- Transtorno de Conduta
TDAH- Transtorno de Déficit De Atenção com Hiperatividade
TICs- Tecnologias de Informação e Comunicação
TT- Transtorno de Tiques

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. SOBRE TDAH.....	12
2.1. ALGUMAS DENOMINAÇÕES DO TRANSTORNO À LUZ DA CIÊNCIA MÉDICA	12
2.2. CONCEITOS, CAUSAS, CARACTERÍSTICAS, SINTOMAS, DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO.....	14
3. O TDA/H E A INCLUSÃO	20
3.1. PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS E OS DISPOSITIVOS LEGAIS QUE APONTAM ESSA INCLUSÃO	20
4. A FAMÍLIA E O TDAH.....	24
4.1. AS DIFICULDADES NAS RELAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA COM CARACTERÍSTICAS DO TDAH.....	24
4.2. A FAMÍLIA CONVIVENDO COM CRIANÇAS COM CARACTERÍSTICAS DO TDAH 25	
4.3. RECOMENDAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM CARACTERÍSTICAS DO TDAH 27	
5. A PRÁTICA DOCENTE E O TDAH	28
5.1. O PROFESSOR E SUA PRÁTICA DE ENSINO COM CRIANÇA COM CARACTERÍSTICA DO TDAH	28
5.2. SUGESTÕES PARA INTERVENÇÃO DO PROFESSOR	32
6. ANÁLISE DA INVESTIGAÇÃO	33
6.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
6.2. O TDA/H E A INCLUSÃO NA VISÃO DOS PAIS (FAMÍLIA)	34
6.3. O TDA/H E A INCLUSÃO NA VISÃO DOS PROFESSORES	39
CONCLUSÕES.....	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES	
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM OS PAIS	
ANEXO 1 – CARTA DE CONSENTIMENTO PARA PROFESSORES E PARA OS PAIS	
ANEXO 2 – PROJETO DE LEI Nº 7081/10	
ANEXO 3 – CARTILHA ABDA	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivo analisar a relação escola e família na inclusão da criança com características do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), e à luz dos referenciais pedagógicos, propor reflexões e contribuições para melhoria do processo.

Para alcançar tal objetivo compreendemos o TDAH como um transtorno neurobiológico que tem predominantemente sua origem na genética, reconhecido oficialmente pela Organização Mundial de Saúde. Apoiados em Mattos (2013, p.17) consideramos que “o TDAH permanece como sendo um diagnóstico com forte embasamento científico, diagnosticado em países muito diferentes culturalmente, como o Irã, Estados Unidos, China, Brasil, México etc”. Desse modo, consideramos que o TDAH é um dos distúrbios mais comuns na infância e uma das principais causas de procura de atendimentos em ambulatórios de saúde mental ou em clínicas psicológicas e psicopedagógicas, daí vemos como é relevante nos dias de hoje propormos investigações desta temática.

Diante dessa problemática surge a questão, de como está acontecendo a inclusão desses indivíduos nos anos iniciais da Educação Básica do Ensino Fundamental, tomando por base o papel das famílias nessa tarefa de incluí-los a esse segundo meio social que é a escola, e de como vem se relacionando família e escola neste contexto.

A legislação brasileira defende que todos têm direito à educação. Mas, será que todos os alunos estão com esse direito garantido no dia a dia das escolas, mesmo com características do TDAH?

Conviver com a diversidade sempre causou aflição aos educadores e a busca de incluir a todos em uma educação de qualidade tornou-se um desafio maior. Desse modo, compreendemos que a família e a escola têm um papel importante no processo de inclusão dos alunos com característica do TDAH, pois o transtorno não afeta apenas o comportamento da criança, mas traz sérios prejuízos à sua capacidade de aprendizagem; por isso, a família em conjunto com a escola, precisam buscar estratégias de ensino que facilitem o trabalho e possibilitem uma melhor aprendizagem desses alunos.

Nesta direção, levantamos como problema de pesquisa as seguintes questões:

- O que a família e a escola entendem por inclusão?
- Qual o conhecimento das famílias e dos professores sobre TDAH?
- Quais as principais dificuldades enfrentadas por professores e famílias nesse processo

de inclusão?

Diante dessas questões buscamos através do referencial teórico respostas para os problemas levantados, usando uma metodologia de pesquisa do tipo exploratória qualitativa. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a observação com dois tipos de questionários: um dirigido aos professores e outro aos pais de crianças com características do TDAH. O campo de pesquisa foi a escola municipal Senador Rui Carneiro, onde localizamos crianças com características do transtorno.

O nosso propósito foi analisarmos a relação família e escola em prol da inclusão dos alunos com características de TDAH e também oferecer aos pais e professores destes alunos, atuais tanto como futuros, um material informativo, espaço para tirar dúvidas acerca do transtorno e de como deve ocorrer a inclusão dessas crianças na educação básica.

Portanto o nosso trabalho de conclusão de curso se justifica pela necessidade de compreender qual o papel da escola e da família na inclusão da criança com características do TDAH nos anos iniciais da Educação Básica do Ensino Fundamental. Temos presenciado ao longo da nossa trajetória no campo da educação que há muitas crianças nas escolas com características do transtorno, as quais ainda não receberam o diagnóstico e, por isso, se encontram imersas em vários conflitos envolvendo a todos à sua volta gerando dificuldade nas relações sociais.

Criança com características desse transtorno requiere atenção especial e a família tem papel de destaque na observação do comportamento individual da criança em diversos contextos, como em casa, na escola e no convívio social.

A falta de informações tem gerado nas famílias uma maneira errônea de tratar o transtorno, muitas das vezes usando de castigos corretivos procurando dar “um jeito” na situação.

Diante da importância do tema, elaboramos este trabalho tendo como objetivo geral analisarmos a relação escola e família na inclusão da criança com características do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), buscando à luz dos referenciais pedagógicos, propor reflexões e contribuições para melhoria do processo.

A partir da problemática norteadora, elenca-se os seguintes objetivos específicos: realizar levantamento bibliográfico a respeito do TDAH e da Inclusão social destes indivíduos; identificar o nível de conhecimento das famílias a respeito do TDAH e identificar o nível de conhecimento dos professores a respeito do TDAH; verificar as estratégias que a família e a escola utilizam para incluir a criança com características do Transtorno de Déficit

de Atenção com Hiperatividade, socialmente.

O trabalho está dividido em cinco capítulos; após a introdução apresenta-se o primeiro capítulo que aborda sobre o TDAH com dois tópicos: algumas denominações do transtorno TDAH a luz da ciência médica; conceitos, causas, características, sintomas, diagnóstico e tratamento. O segundo capítulo vem tratando sobre o TDAH e a inclusão com um tópico: processo de inclusão dessas crianças e os dispositivos legais que apontam essa inclusão. O terceiro capítulo vem abordando sobre a família e o TDAH e está dividido em três tópicos: as dificuldades nas relações sociais da criança com características do TDAH; a família convivendo com crianças com características do TDAH; recomendações aos pais das crianças com características do TDAH. O quarto capítulo apresenta a prática docente e o TDAH dividido em dois tópicos: o papel do professor na prática de ensino com criança com característica do TDAH; sugestões para intervenção do professor em sala de aula. O quinto capítulo vem abordando sobre a análise da investigação dividido em quatro tópicos: aspectos metodológicos; escola campo; considerações preliminares; a inclusão e o TDAH na visão dos pais (família); a inclusão o e TDAH na visão dos professores. E, por último, seguem a considerações finais, referências, apêndice e anexo.

Existe uma precariedade informativa de como as famílias devem observar e ajudar essas crianças, por isso, torna-se indispensável viabilizar o acesso a informações precisas a respeito desse transtorno, desenvolvendo um trabalho onde família e escola possam vencer as barreiras existentes por falta de conhecimento, e assim terem a oportunidade de conhecer mais profundamente sobre o problema.

Desse modo, o trabalho de conclusão de curso vem contribuir com informações que possam favorecer a relação da família e da escola em prol da inclusão das crianças que são acometidas por características desse transtorno, embora essa tarefa não seja nada simples.

2. SOBRE TDAH

2.1. ALGUMAS DENOMINAÇÕES DO TRANSTORNO À LUZ DA CIÊNCIA MÉDICA

O TDAH recebeu vários nomes ao longo dos anos. De acordo com Benczik (2000), o transtorno foi descrito pela primeira vez em 1902 pelo médico pediatra inglês George

Frederick Still o denominou como um defeito na conduta moral. Ele observou que esse problema surgia pela incapacidade da criança em seguir regras e limites, sendo manifestados por desatenção, impaciência e inquietação. A partir desse momento o quadro começa a ter importância entre os transtornos do desenvolvimento da infância.

Segundo Silva (2014), o grupo de estudos de Still era composto de 20 crianças, o comportamento problemático dessas crianças havia surgido antes dos oito anos de idade, essas crianças tinham um defeito maior e crônico “no controle moral”, assim Still rotulou os pais dessas crianças na época de portadores de um “defeito de controle moral”. Mais tarde teve que reconhecer uma ligação hereditária no comportamento das crianças, já que alguns membros das famílias tinham problemas como depressão, alteração de conduta e alcoolismo. Para Still esses comportamentos poderiam ser decorrentes de danos cerebrais, hereditariedade, disfunção ou problemas ambientais.

De acordo com Benczik (2000, p.22, 23), na década de 40, surgiu a designação para o TDAH de Lesão Cerebral Mínima, apoiando-se nas evidências de alterações comportamentais, principalmente com a presença da hiperatividade com lesões no sistema nervoso central. Mudança importante aconteceram nas pesquisas, na conceituação, no diagnóstico e no tratamento do transtorno devido às dificuldades para concretizar a existência da lesão, dando espaço para outras inúmeras definições.

Segundo Benczik (2000), em 1962, foi modificada para Disfunção Cerebral Mínima; nos anos 60 a síndrome foi definida pelo termo Reação Hiperkinética sob o ponto de vista mais ativo, dando destaque a caracterização da hiperatividade como síndrome de conduta, levando em conta os movimentos motores excessivos como o sintoma principal. Benczik (2000), afirma que na década de 70, a Classificação Internacional das Doenças CID-9, manteve uma designação parecida, Síndrome Hiperkinética, ou seja, demasiado ativo.

Benczik (2000) vem relatar que a terceira edição do manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), publicado em 1980, alterou o termo para Distúrbio do Déficit de Atenção (DDA), cuja definição já expõe o ponto principal do problema que é a dificuldade de atenção, concentração e a falta de autocontrole ou impulsividade.

Silva (2014), destaca que a forma adulta foi reconhecida nesse mesmo ano de 1980, com a publicação pela Associação Americana de Pesquisa, do DSM-III, fazendo alterações importantes em vários pontos como: desvinculou a nomeação da síndrome de seus aspectos clínicos etiológicos (fatores causais) e deu ênfase aos aspectos clínicos (sintomas); identificou a forma adulta, na época designada de “tipo residual” entre outras alterações.

Segundo Fischer (2001), a terceira edição revisada em 1987 o DSM-III-R, voltou a

ênfatisar o excesso de agitação, o que induziu a adição de hiperatividade ao nome oficial, no qual o nome do Distúrbio passou para “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade”.

Silva afirma que:

Em 1994, a Associação Americana de Psiquiatria publicou o DSM-IV. Nessa atualização, o distúrbio do déficit de atenção foi renomeado para Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, dividido em três subtipos básicos: tipo predominantemente desatento: quando os sintomas de desatenção são mais marcantes; tipo predominantemente hiperativo/impulsivo: quando os sintomas de hiperatividade e impulsividade estão presentes em proporções significativa e equivalentes; tipo combinado: quando os sintomas de desatenção e de hiperatividade/impulsividade estão presentes no mesmo grau de intensidade. (SILVA 2014, P.227)

A partir de então observa-se um crescimento nos estudos e pesquisas em torno desta temática para aprofundamento do conhecimento sobre o TDAH, sobretudo, na área médica para entender quais as causas, quais os sintomas que ele apresenta, como deve ser realizado o diagnóstico e o tratamento e quais as possibilidades do indivíduo com este transtorno ter uma vida com mais significado, sendo respeitado com as suas diferenças e limitações.

2.2. CONCEITOS, CAUSAS, CARACTERÍSTICAS, SINTOMAS, DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO

O Transtorno de Déficit Atenção e Hiperatividade tem gerado muitas discussões entre os estudiosos e pesquisadores rumo ao entendimento de como funciona um cérebro com TDAH, sua definição, causas, sintomas, diagnóstico e o tratamento mais adequado para cada caso.

No que diz respeito a definição de acordo com Benczik (2000, p.25), o “DSM-IV define o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade como um problema de saúde mental, considerando-o como um distúrbio bidimensional, que envolve a atenção e a hiperatividade/impulsividade”.

De acordo com Mattos (2013, p.60) TDAH “é um transtorno com forte influência genética em que existem alterações no sistema nervoso”.

Segundo a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA, 1999) em sua cartilha (ver anexo), o TDAH é um transtorno neurobiológico com grande participação genética, que apresenta na infância e que pode acompanhar o indivíduo até a vida adulta, comprometendo o funcionamento da pessoa em várias áreas da sua vida, familiar, social, sentimental e, muitas vezes, acarretando o seu desempenho escolar.

Rotta et. al (2006, p. 365), afirmam que o TDAH, “não é um transtorno da aprendizagem (TA), mas os sintomas nucleares desse transtorno – a desatenção a hiperatividade e a impulsividade – têm um grande impacto no desenvolvimento acadêmico. Sendo assim é um transtorno que afeta secundariamente a aprendizagem”.

De acordo com ABDA (1999), estima-se que cerca de 3 a 5% das crianças nas várias regiões do mundo em que já foi pesquisado apresentem TDAH, muitas ainda não foram diagnosticadas, e por isso acabam recebendo rótulos, os quais geram vários problemas emocionais no indivíduo, por isso a importância de um diagnóstico precoce.

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade segundo a ABDA (1999) é o transtorno psiquiátrico mais estudado no mundo inclusive no Brasil, evidenciando que a prevalência (taxa) do TDAH é igual em diferentes regiões o que demonstra que o transtorno não está secundário a fatores culturais, o modo como os pais educam seus filhos ou a conflitos psicológicos.

De acordo com ABDA (1999), estudos científicos mostraram que pessoas com o transtorno, tem alterações na região frontal e em suas conexões no resto do cérebro, alterações estas, derivadas de um funcionamento alterado no sistema neurobiológico cerebral, significando que substâncias químicas produzidas pelo cérebro, chamadas neurotransmissores (principalmente dopamina e noradrenalina), apresentam-se modificadas no interior dos sistemas cerebrais responsáveis pelas funções de atenção, da impulsividade e da atividade física e mental no comportamento humano.

De acordo com Mattos (2013), ABDA (1999), Benczik (2000) e Condemarín et. al (2000), entre os muitos fatores que se apresentam como possível etiologia do TDAH estão os hereditários; substâncias ingeridas na gravidez; sofrimento fetal; exposição ao chumbo; problemas familiares, entre outros.

O fator hereditário acontece quando é passado do pai para filho, isso não significa que todos os membros da família sofram do mesmo mal, mas que a ocorrência do problema é bem maior nessa família. Mattos (2013) afirma que, quem examina uma criança com TDAH frequentemente reconhece a existência do mesmo transtorno ou pelo menos alguns sintomas dele, no pai ou na mãe. O fator genético é o mais preponderante, mas não é o único fator para o aparecimento do TDAH.

Alguns estudos têm observado que as substâncias, nicotina e o álcool quando ingeridos durante a gravidez podem causar alterações em algumas partes do cérebro do bebê entre essas partes está a região frontal orbital. Pesquisas indicam que essas mães alcoolistas tem uma maior probabilidade de terem filhos com problemas de desatenção e hiperatividade

(ABDA, 1999). Muitos desses estudos mostram uma associação entre fatores, mas não mostram uma relação de causa e efeito.

Estudos tem evidenciado que mulheres que tiveram problemas no parto, levando ao sofrimento fetal, tinham maior chance de terem filhos com TDAH. Entretanto, a relação de causa não é clara. Pensa-se que talvez mães com TDAH sejam mais distraídas não levando em conta os cuidados necessários a serem dispensados a sua pessoa e a ao bebê e, no decorrer da gravidez e na hora do parto, acaba por gerar problemas nesses dois momentos. Dessa forma a carga genética estaria influenciando (ABDA, 1999).

Há evidências científicas que crianças pequenas que sofreram alta exposição ao chumbo podem apresentar sintomas parecidos ao TDAH. Essa semelhança parece mais importante quando a exposição ao chumbo funciona como irritante no cérebro prejudicando-o (BENCZIK 2000). A ABDA diz que não há nenhuma necessidade de se fazer exames de sangue para medir o chumbo numa criança com o transtorno, já que isso é muito raro e pode ser facilmente identificado na história clínica.

No caso dos problemas familiares em ser a causa do TDAH, algumas teorias sugeriram que o alto grau de discórdia conjugal, família com apenas um dos pais, família com o nível social econômico baixo, baixa instrução da mãe, família disfuncionais, poderiam ser a causa do TDAH nas crianças. Estudos recentes têm desfeito essa ideia. Os conflitos familiares podem ser mais a consequência e podem ser responsáveis pelo curso e prognóstico do transtorno, agravando o quadro, já que muitos problemas graves de conduta e autoestima têm relação com o ambiente (CONDEMARÍN et. al. 2006).

Silva (2014) comenta que pode-se perceber que o conhecimento sobre as causas do TDAH é limitado, pois nenhuma teoria sobre a origem do seu funcionamento pareceu por si só adequado para explicar todos os casos do transtorno.

OTDAH é caracterizado por desatenção, hiperatividade e impulsividade com frequência e intensidade superior às tipicamente observadas em crianças do mesmo sexo e nível de desenvolvimento, que comprometem o funcionamento em pelo menos dois contextos, em casa e na escola (MATTOS, 2013).

Segundo Mattos (2013, p. 29-30) os seguintes sintomas listado abaixo são aqueles descritos no DSM-IV.

Por exemplo os sintomas de desatenção seriam, dentre outros os seguintes:

- a) Dificuldade de se concentrar nas tarefas, jogos e brincadeiras;
- b) Parece está prestando atenção em outras coisas durante uma conversa;
- c) Dificuldade de se organizar para fazer algo ou planejar com antecedência;
- d) Distrai-se com muita facilidade com coisas à sua volta ou mesmo com os próprios pensamentos.

Os sintomas da hiperatividade/impulsividade, seriam dentre outros:

- a) Ficar mexendo as mãos e pés quando sentado ou se mexer muito na cadeira;
- b) Dificuldade para se manter calmo ou inquieto em jogos ou brincadeiras;
- c) Responder a perguntas antes de elas serem concluídas. É comum responder à pergunta sem ler até o final;
- d) Interromper os outros ou se meter nas conversas alheias.

Os sintomas relacionados podem aparecer de forma combinada ou com a prevalência de um, contudo segundo Mattos (2013, p.31) “a forma mais comum nos consultórios e ambulatoriais é a combinada quando existem muitos sintomas de desatenção e hiperatividade/impulsividade”. Para se afirmar que alguém tem a forma combinada, é preciso apresentar pelo menos seis sintomas de cada uma das características descritas no DMS-IV (MATTOS,2013).

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade tem-se tornado um rótulo muito usado nos dias atuais, quando na busca de respostas aos comportamentos inadequados do indivíduo, principalmente as crianças em idade escolar.

Segundo Benczik (2000, p. 53)

Infelizmente, o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade tem-se tornado um rótulo de quase toda criança que exibe algum comportamento disruptivo ou conduta não complacente. Tem-se percebido uma alta taxa de problemas educacionais e psicológicos, todos indicados com o rótulo de TDA/H.

Desta forma, deve-se ter muita cautela ao se deparar com pessoas que apresentam comportamentos vistos como indesejados, para não correr o risco de rotulá-lo com transtornos que ele não possua. Deve-se ter cuidado com os exageros nas suspeitas dos possíveis casos do TDAH no ambiente escolar. O correto é encaminhá-lo para a realização do diagnóstico, quanto mais precocemente for detectado a presença do transtorno, mais cedo será definido o tratamento adequado para cada caso.

O diagnóstico é clínico, com base em critérios comportamentais, e deve ser realizado por um avaliador (psicólogo, médico psiquiatra e por um médico neurologista) especialista no transtorno e nas suas características. Não existe no momento nenhum exame ou teste que sozinho possa dar o diagnóstico do TDAH.

Dentro das dificuldades para realizar um bom diagnóstico, Condemarín et. al (2006, p. 47) destacam, “as expectativas não realistas do meio e as diferenças culturais na interpretação da conduta”, ou seja dependendo de quem seja o profissional que avalia, ela pode ter visões diferenciadas sobre o que seja inquietação e hiperatividade, não levando em conta o meio e a cultura a qual o indivíduo se encontra inserido, por isso a necessidade de o diagnóstico ser realizado pelo especialista entendido na questão como citado acima.

Até o exato momento a ferramenta utilizada pelos especialistas para diagnóstico do

TDAH é a anamnese. De acordo com Condemarín et. al (2006) ela é realizada primeiramente em uma entrevista clínica, sendo a mais importante com a participação da família (pai, mãe ou uma pessoa mais próxima da criança), em uma conversa detalhada sobre toda a história de vida da pessoa, que começa desde a sua gestação a sua vida nos dias atuais, para a partir daí, reunir informações obtendo-se uma visão geral do que ocorre com a criança.

Deve-se manter desde o início um bom relacionamento com a criança, para que ela colabore com o processo. Neste momento da entrevista, obtêm-se informações da criança sobre sua relação com a família, vida social e sua escola, o que ela pensa sobre cada um. Condemarín et. al (2006) ressaltam que não convém abordar já na primeira entrevista assuntos relacionados aos problemas na escola, rendimento escolar, notas etc. pois são temas que podem gerar um desconforto levando a criança a pensar que é por isso que ela está sendo avaliada. A próxima entrevista é com o professor, o qual irá descrever o comportamento, a aprendizagem da criança, como se dá o seu relacionamento com seus colegas e professores, em sala de aula e em outros espaços que compõem a instituição, pois na maioria dos casos são os professores que identificam que algo não vai bem com a criança.

Para confirmar o diagnóstico do TDAH, é necessário que seis ou mais sintomas característicos desse transtorno sejam frequentes por pelo menos seis meses e manifestem-se em mais de um contexto social (por exemplo na casa e na escola) (MATTOS 2013).

Após reunir todas essas informações, o profissional da área médica deve avaliar se a criança preenche os critérios diagnósticos para o TDAH.

Além das entrevistas, faz-se uso de escalas, questionários, listas de checagem e observações diretas, todos com o objetivo de alcançar o diagnóstico e assim aplicar uma intervenção adequada. Outro aspecto importante que deve ser observado é se há presença de outros sintomas que venha sugerir a presença de um outro transtorno, pois, a grande maioria das crianças com características do TDAH apresentam co-morbidade, ou seja, um ou mais transtornos comportamentais em coexistência com um transtorno primário.

As principais co-morbidades no caso da criança com TDAH são: TOD- transtorno de oposição e desafio; TC- transtorno de conduta; TT- transtorno de tiques; TA- transtorno de ansiedade; TAB- transtorno afetivo bipolar; transtorno depressivo do humor; transtorno da linguagem; enurese noturna; epilepsia ou eletroencefalograma (EEG) alterado e o transtorno da aprendizagem.

De acordo Silva (2014)

Esses transtornos “acessórios” (que não são nada opcionais) desenvolvem-se como consequência do transtorno primário. Isto é, o desconforto e o sofrimento causados por um determinado problema atingem de tal forma a vida de alguém que novos

transtornos vêm se somar ao preexistente (SILVA, 2014, p.166).

Sendo assim “é fundamental a identificação de outros problemas associados, pois a sua presença irá modificar o tratamento, assim como a escolha da medicação mais adequada, além do encaminhamento para terapias específicas e o prognóstico”, afirma Mattos (2013, p. 44).

Nos dias atuais, pode-se observar a dificuldade encontrada pelos pais e professores de escola pública no que diz respeito ao encaminhamento da criança com característica do TDAH, para o diagnóstico com um profissional especialista no transtorno.

Geralmente alguns profissionais presentes nas escolas, como psicólogos, não conhecem o transtorno e nem buscam conhecer para se manterem informados, muitas vezes, direcionando a questão para um outro foco, como: dizer aos pais que esse comportamento não passa da falta de limites e educação não oferecida pelos responsáveis assim pensando esse profissional acaba não dando a devida atenção as características presentes no comportamento da criança que podem indicar o TDAH.

O profissional presente na escola tem que reconhecer que não tem conhecimento suficiente para trabalhar a questão e preparar um laudo com todas as informações necessárias sobre a criança e o seu comportamento e encaminhar para um profissional especialista para uma investigação.

O tratamento para o TDAH deve ser multimodal, engloba intervenções psicossociais e psicofarmacológicas. O tratamento envolve vários profissionais diferentes, trabalhando em equipe a fim de trazer orientações para os pais e professores.

Mattos (2013) cita alguns aspectos que compõem o tratamento e são complemento para o cuidado de crianças e adolescentes com TDAH como: confirmação do diagnóstico e avaliação de outros diagnósticos pertinentes (que podem conduzir alterações no tratamento), exigindo o parecer de um especialista e a realização de entrevistas mais apuradas, preenchimento de questionários, bem como a realização de testes neuropsicológicos incluindo avaliação de linguagem; orientação aos pais, aconselhando sobre a forma de lidar com o transtorno, abrangendo as modificações do ambiente de casa ; orientação à escola (pode ser feita por material impresso, indicação de livros, associações ou sites da internet etc.) e em casos específicos, em que há comprometimento significativo da vida escolar, o médico, o psicólogo ou o pedagogo da equipe que acompanha o paciente pode pessoalmente fazer a orientação mais detalhadamente e com supervisão; a técnica cognitivo-comportamental é mais indicada e estudada, assim, havendo co-morbidade com Transtorno Desafiante de Oposição,

Transtorno de Conduta, Ansiedade ou Depressão a psicoterapia deve ser realizada, podendo ser indicado também nos casos em que o TDAH se associou a um comprometimento muito significativo do relacionamento familiar ou escolar; e o uso de medicamentos.

Com relação ao uso de medicamentos, segundo Mattos (2013), na maioria dos casos, há necessidades de medicação que pode ser administrada por um psiquiatra ou neurologista. Esses medicamentos usados no tratamento permitem que algumas funções mentais sejam normalizadas (a dopamina e a noradrenalina), tornando o indivíduo mais capacitado para inúmeras tarefas que antes ele não conseguia desenvolver, colocando-o em igualdade com as demais pessoas que conseguem prestar atenção às coisas.

Sabemos que toda medicação usada de forma inadequada poderá trazer prejuízos a saúde de quem a consome. O importante é buscar informações e profissionais preparados para receber as orientações e tratamento adequado a cada situação.

3. O TDA/H E A INCLUSÃO

3.1. PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS E OS DISPOSITIVOS LEGAIS QUE APONTAM ESSA INCLUSÃO

Esse tema induz-nos, de imediato, a pensar no significado da palavra inclusão, para entendermos sua relação com o direito da criança a educação. Segundo Aulete (2009, p. 440) inclusão é a “ação ou resultado de incluir; de integrar um elemento a um outro elemento”, ato ou efeito de incluir, como podemos ver a inclusão resulta em uma ação que terá como objetivo envolver, compreender, aceitar e assistir o outro em suas necessidades, tornando-o participativo atuante, mesmo com suas diferenças, nas mais diversas áreas sociais.

Conforme Carvalho (2011, p. 26)

Para garantir os esclarecimentos indispensáveis, faz-se urgente envolver os professores, as famílias e a comunidade nas discussões, pois há, ainda, muita confusão e incertezas a respeito. Qualquer professor, desavisado, ao responder acerca do que pensa sobre inclusão, de imediato a associa com os portadores de deficiência (raramente ou nunca se refere aos de altas habilidades/superdotados; aos que apresentam dificuldades de aprendizagem sem serem portadores de deficiência e, muito menos, a outras minorias excluídas, como é o caso de negros, ciganos e anões, por exemplo.

Diante dessa perspectiva do significado de inclusão, podemos dizer que a escola inclusiva deve abarcar todos aqueles que vivem ou não à margem da sociedade, quer seja com deficiência, transtornos, de cor, etnia, pobres e etc., garantindo a eles o direito e a

oportunidade de como cidadãos viverem o contexto da escola, tendo a oportunidade de desenvolverem suas capacidades, habilidades superando suas dificuldades dentro do próprio ritmo, sendo valorizado como pessoa, como aprendiz, recebendo uma educação de boa qualidade para obterem sucesso na aprendizagem.

Desse modo Carvalho (2011, p. 32) salienta:

O conceito de escolas inclusivas pressupõe uma nova maneira de entendermos as respostas educativas que se oferecem, com vistas à efetivação do trabalho na diversidade. Está baseado na defesa dos direitos humanos de acesso, ingresso e permanência com sucesso em escolas de boa qualidade (onde se aprende a aprender, a fazer, a ser e conviver), no direito de integração com colegas e educadores, de apropriação e construção do conhecimento.

Nesse processo de inclusão, todos que fazem parte da comunidade escolar (gestores, orientadores, professores, supervisores, coordenadores, pais) devem estar envolvidos, trabalhando juntos na transformação da escola, na atualização do conhecimento e acesso às informação sobre a diversidade de pessoas presentes no ambiente escolar, repensando suas atitudes frente a essa realidade através de uma reflexão crítica, revendo seu papel como indivíduo participante e inserido nesse contexto, conscientizando-se da importância de se criar um ambiente escolar mais justo, onde todos possam sentir verdadeiramente integrados e respeitados.

A respeito dessas ações colocadas acima Martins et. al (2011, p.19) afirmam que não basta incluir fisicamente o aluno no sistema educacional. É indispensável:

- Que o governo adote, efetivamente, políticas inclusivas e não apenas divulgue, através dos diversos meios de comunicação, que está promovendo a inclusão escolar e que, em decorrência disto, as escolas estão receptivas para receber a todos os educandos, sem exceção.
- Buscar formas a fim de contribuir para mudar a escola, para torná-la receptiva às necessidades de todos os alunos.
- Ajudar os professores a refletir e a aceitar a sua responsabilidade quanto a aprendizagem de todos os educandos, colaborando assim para prepará-los para ensinar àqueles que são comumente excluídos das escolas, por qualquer razão.
- Propiciar o envolvimento dos vários elementos que constituem a escola – do porteiro ao diretor – no processo inclusivo.

Todo esse investimento nas mudanças de comportamento e formas de pensar de todos envolvidos na educação, visa uma pedagogia que terá como centro o aluno, despertando na sociedade o respeito à diversidade presente em todas as suas áreas.

Abordar sobre a relação escola e família na inclusão das crianças com características do TDAH, significa envolvê-las nesse processo, identificando o nível de conhecimentos que possuem a respeito do TDAH, ao mesmo tempo que propormos a levar as informações necessárias referente aos dispositivos legais. Desse modo, entendemos que estaremos os tornando conhecedores de seus direitos para que elas possam lutar pelas necessidades de seus

filhos e de seus alunos.

Atualmente já há dispositivos legais que apontam na direção da inclusão, como direito de todos os alunos, independente de suas diferenças. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 (LDB) confirma que a educação é um direito fundamental de todos, possibilitando ao indivíduo um crescimento pessoal, social em busca de uma vida melhor e mais digna. Nesta direção, a inclusão de crianças com características do TDAH está assegurada por lei.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preconiza que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Art.4º).

Porém, sabemos que a legislação não é suficiente; se faz necessário a intervenção de ações pedagógicas, políticas, administrativas para que haja um comprometimento seguro por parte das instituições de ensino com esses indivíduos e para que eles sejam, de fato, acolhidos pela escola. Incluir não é matricular a criança na escola, mas adaptar a escola as necessidades do aluno.

Nesse sentido, Carvalho aponta:

A letra das leis, os textos teóricos e os discursos que proferimos asseguram os direitos, mas o que os garante são as efetivas ações, na medida em que concretizam os dispositivos legais a todas as deliberações contidas nos textos de políticas públicas. Para tanto, mais que prever há que prover recursos de toda a ordem, permitindo que os direitos humanos sejam respeitados, de fato. (CARVALHO, 2011, p.79).

O processo de inclusão deve ser encarado como uma nova maneira de pensar e encarar a função educativa, comprometida com a cidadania e com a formação de um pensamento não excludente. Portanto, apesar de todos os avanços legais, sabemos que esta inclusão não tem alcançado de forma real a população brasileira, que por não conhecer os seus direitos, não tem como reivindicá-los.

Sendo assim a escola tem o dever de contribuir tornando-se um espaço efetivo da inclusão, onde a relação escola e família possam ser estabelecidas, pautada em princípios e estratégias que venham sustentar o processo da educação inclusiva colocando em prática o direito de todos à educação.

Dentro deste contexto de inclusão estão as crianças com características do TDAH que apresentam grandes necessidades de serem aceitas e compreendidas no meio em que estão inseridas, principalmente em casa e na escola.

Devemos ressaltar que o TDAH não faz parte da educação especial. Ela só abrange,

deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência física, deficiência motora, paralisia cerebral, deficiência intelectual, deficiência múltiplas, transtorno espectro autista (TEA ou TGD) e altas habilidades/superdotação.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação art. 58. “Entende-se por educação especial, para efeitos da Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtorno globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação”.

Até o momento as leis previstas para as pessoas com o transtorno, são as mesmas citadas nos documentos legais para todos os alunos, não existe nenhum parágrafo que estabelece direitos específicos às pessoas com TDAH.

Segundo a ABDA (1999) está tramitando no Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 7081/10 (ver anexo) que dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com TDAH e Dislexia na Educação Básica, tendo como autor o Senado Federal e como relatora a deputada Federal Mara Gabrilli¹. Essa lei já foi aprovada na Comissão de Educação da Câmara no dia cinco de junho de dois mil e treze, e agora aguarda a votação na Comissão de Finanças e Tributação e por último, para a Comissão de Constituição e Justiça, na última etapa será enviado para a Presidência da República para ser sancionado. Até o exato momento em que este trabalho estava sendo realizado não foi relatado nenhum avanço nas aprovações.

No momento em que esse projeto se efetivar, teremos mais um aliado nos avanços no que diz respeito à inclusão dos educandos com características do TDAH, pois eles terão o direito de serem encaminhados para o diagnóstico e receberem a assistência dos profissionais da educação em parceria com os da saúde, todos voltados para suprir as necessidades desses educandos.

Segundo Rotta et. al (2006, p. 367):

A inclusão das crianças com TDAH nas escolas regulares tem trazido muitos questionamentos e dúvidas por parte dos professores, escolas, pais e profissionais envolvidos. Se por um lado há uma clara boa vontade por parte dos professores e das escolas em adaptar estas crianças, por outro há um desconhecimento de como ajudá-las melhor.

Sabe-se que essa é uma tarefa difícil, tanto para os professores que se veem com a responsabilidade de desenvolver o trabalho com um número grande de alunos em sala de aula

¹Mara Gabrilli, 46 anos, é publicitária, psicóloga, deputada federal pelo PSDB, eleita nas Eleições 2010 com 160.138 votos, para a legislatura 2011-2014. Ex-vereadora na Câmara Municipal de São Paulo (2007-2010). Nas Eleições 2008, quando reeleita vereadora, foi a mulher mais votada do Brasil com 79.912 votos. Entre 2005 e 2007, foi a primeira titular da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida da Prefeitura de São Paulo. Fundou, em 1997, o Instituto Mara Gabrilli, OSCIP que apoia atletas com deficiência, promove o Desenho Universal, fomenta pesquisas científicas e projetos culturais.

e, em níveis diferentes de aprendizagem, quanto para os pais que desejam um atendimento de qualidade para seu filho. Assim se faz necessário que todos os envolvidos na educação dessas crianças tenham conhecimento sobre o assunto, e que assim possam favorecer verdadeiramente a inclusão da criança com características do TDAH.

4. A FAMÍLIA E O TDAH

4.1. AS DIFICULDADES NAS RELAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA COM CARACTERÍSTICAS DO TDAH

As crianças com características do TDAH, têm uma tendência a exibir dificuldades nos seus relacionamentos, no temperamento, na comunicação com seus pares e na manutenção de amizades.

Conforme Condemaráin et. al. (2006, p. 91) essa criança “Tanto em seu lar como na escola, é considerada pelos adultos e por seus pares como uma criança “incômoda, difícil de tratar. Com o tempo, pode se tornar cada vez mais complicado estabelecer e conservar amizades”. Geralmente crianças com essas características, podem entrar em brincadeiras sem serem convidadas, têm grandes dificuldades em seguir regras estabelecidas, se um colega está falando ela não presta à atenção e não espera sua vez e já interrompe sem pedir licença.

A criança desistir muito rápido de jogos e brincadeiras monótonas, tem uma tendência a mudar de grupo constantemente se aquele o qual faz parte, exige demais dela, principalmente que ela permaneça sentado por muito tempo durante um jogo ou mesmo trabalho escolar. Na sala de aula não para quieto, dificilmente assume seus erros, são precipitadas em seus julgamentos e acabam sendo injustas magoando o outro. Este comportamento acaba por afetar o seu relacionamento negativamente, levando a todos se afastarem dela. Os colegas o rejeitam, os professores e familiares também, pois o seu comportamento acaba por provocar uma certa irritação e desgaste.

Segundo Mattos (2013, p. 91), as pessoas com TDAH, “em geral têm dificuldade em monitorar seu próprio comportamento, o que faz com que avaliem as consequências de seus atos somente depois que já fizeram tudo”.

O caminho mais indicado para ajudar essa criança com características de TDAH é a busca pelo diagnóstico a partir daí pode-se traçar uma linha de tratamento que venha auxiliar

a amenizar os sintomas, os quais irão refletir a longo prazo em suas relações com seus pares.

E no caso em que as dificuldades de relacionamento estão muito intensas, necessita da intervenção de psicoterapeuta, afirma MATTOS 2013. Nesta situação, os pais não teriam condições de sozinhos ajudar a criança. Desse modo, com a intervenção do terapeuta os pais poderão receber orientações e treinamentos para auxiliar com mais precisão a criança no treino das habilidades que são aprendidas em momentos vivenciados no dia a dia.

De acordo com Goldstein S.; Goldstein M. (2000, p. 90) “A maioria dos problemas de relacionamento social vividos por uma criança hiperativa é resultado da falta de habilidades e não necessariamente de incompreensão”. E este é um ponto para ser considerado, geralmente é enfatizado que certa atitude da criança é porque ela é incapaz de compreender que não se pode agir de determinada maneira, mas esses autores nos chamam a atenção de que nem sempre é por esse motivo, mas a ausência de habilidade acaba por contribuir para um aumento desses problemas.

Por meio do Treino em Habilidades Sociais pode-se reduzir as dificuldades de relacionamentos, ela abrange várias áreas como: técnicas de entrosamento social, de conversação, de resolução de conflitos e de controle de raiva, conforme (MATTOS 2013). Em Goldstein S.; Goldstein M. (2000) podemos encontrar outras habilidades, nas quais tidas como as mais importantes para que a criança hiperativa obtenha sucesso nas suas relações sociais. São elas: capacidade de participar de jogos com regras, a capacidade de fazer solicitações verbais adequadas e a capacidade de elogiar os outros.

O treinamento dessas habilidades irá conduzir a criança a utilizá-las de forma mais eficiente. As práticas das habilidades devem ser constantes, não uma ou duas vezes, mas praticadas sempre. Com a orientação do psicoterapeuta e o envolvimento da família e professores, a conquista de tais habilidades resultará em relacionamentos mais duradouros. Esse será um trabalho que exigirá dos envolvidos esforço, dedicação e persistência.

4.2. A FAMÍLIA CONVIVENDO COM CRIANÇAS COM CARACTERÍSTICAS DO TDAH

A família é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, visto que é o primeiro grupo social com o qual convive. É nesse ambiente que a criança constrói sua identidade, é nesse lugar que a ela depende desde o nascimento, tanto para sua sobrevivência no suprimento das suas necessidades primárias, quanto para o seu desenvolvimento emocional

e social.

Na convivência familiar a criança tem a oportunidade de desenvolver as relações com seus pares, inserindo-se no universo coletivo, adaptando-se a vários ambientes sociais que lhe são apresentados, adquirindo valores e adequando-se às normas estabelecidas pelo grupo.

Partindo para o contexto da família com criança com características do TDAH, o convívio se apresenta em meio a muitos conflitos, gerados por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade advindos do transtorno, totalmente desconhecido pelos pais, que acabam por se sentirem culpados, incapazes de lidarem com a situação. Os pais não sabem como agir mediante as reclamações e queixas que chega todo instante aos seus ouvidos, vindo da escola, da vizinhança, de parentes e outros ambientes que a criança frequenta, chegando a criar um desconforto e estremecimento nas relações com essas pessoas e ambientes.

Sem direção, a família muitas vezes procura solucionar o problema com castigos corretivos, usando de autoritarismo através de uma comunicação verbal carregada de palavras com sentido pejorativo, o qual acaba se transformando em uma agressão verbal, buscando dessa forma intimidar as ações da criança, tornando a situação mais caótica, com um nível de estresse elevadíssimo que envolve a todos.

Diante de disso, podemos observar que a falta de conhecimento sobre o TDAH e a dificuldade de encaminhar à criança para o diagnóstico, tem gerado consequências tanto para a pessoa que possui quanto para os que estão a sua volta.

Segundo Rodhe et al (2000, p. 1):

[...]o impacto desse transtorno na sociedade é enorme, considerando-se seu alto custo financeiro, o estresse nas famílias, o prejuízo nas atividades acadêmicas e vocacionais, bem como efeitos negativos na autoestima das crianças.

Para Mattos (2013, p. 78):

A falta de informação sobre o assunto é geralmente grande, fazendo com que o diagnóstico do TDAH seja feito mais tarde do que seria adequado, dificultando o acesso às informações e o apoio de que tanto as crianças quanto os pais precisam.

Acontece que, na maioria dos casos, as famílias caminham sozinhas sem o apoio e a orientação necessária, perdidas em seus conflitos gerados por um problema que elas desconhecem, sem saber com o que estão lidando, agindo muitas vezes de forma negativa para com o comportamento da criança.

Pode acontecer de a criança ser encaminhada para tratamento não especializado, o qual irá trazer pouca ou nenhuma contribuição, pelo contrário, irá comprometer mais ainda a

situação, levando a família a pensar que não tem mais jeito (MATTOS 2013).

Se faz necessário e urgente que as famílias com crianças com características do TDAH busquem nos órgãos públicos (sistema educacional, sistema de saúde) a ajuda especializada para receber informações sobre o que é exatamente TDAH e suas causas, inclusive como se manifesta nas diferentes situações vividas pela pessoa. A criança deve ser encaminhada através do psicólogo (especialista no transtorno) ao profissional que fará o diagnóstico, podendo ser um neurologista infantil ou um psiquiatra infantil. Mattos (2013) afirma que é importante aceitar o TDAH com um problema real que merece cuidados e atenção especial, pois não se trata de resultado de “temperamento difícil” ou “teimosia”.

Mediante essa afirmação é imprescindível a aceitação dos pais com relação ao transtorno presente na vida do seu filho, de modo que eles possam assumir e cumprir o desafiante papel no desenvolvimento da criança, tornando-se verdadeiros especialistas no assunto.

De acordo com Mattos (2013) as pessoas com TDAH vão necessitar de acompanhamento mais frequente dos pais durante boa parte da infância e da adolescência para que se adaptem aos limites que a vida e a sociedade impõe.

A autora Benczik (2000) sugere algumas dicas úteis que quando colocados em prática podem auxiliar os pais no progresso da adaptação da criança aos ambientes, tais como: saber sempre da criança de como ela está se sentindo usando para isso o diálogo; dar instruções claras e diretas, de maneira que ela possa entender, uma de cada vez; orientar a criança a não interromper as suas atividades, buscando finalizar tudo aquilo que dê início; não utilizar de comparações entre os filhos. Cada criança tem um comportamento frente a mesma situação; chamar atenção da criança construtivamente quanto ao comportamento inadequado, conversando com a criança o que seria mais apropriado e esperado dela naquele momento; para todo bom comportamento da criança, os pais devem usar um sistema de reforço imediato.

4.3. RECOMENDAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM CARACTERÍSTICAS DO TDAH

De acordo com Mattos (2013) as pessoas com TDAH vão necessitar de acompanhamento mais frequente dos pais durante boa parte da infância e da adolescência para que se adaptem aos limites que a vida e a sociedade impõe.

A autora Benczik (2000, p. 80, 81) sugere algumas dicas úteis que quando colocados em prática podem auxiliar os pais no progresso da adaptação da criança aos ambientes. Seguem algumas dicas sugeridas pela autora:

- Procurar conversar sempre com a criança sobre como está se sentindo.
- Dar instruções diretas e claras, uma de cada vez, em um nível que a criança possa corresponder.
- Ensinar a criança a não interromper as suas atividades, tentar finalizar tudo aquilo que começa.
- Estabelecer uma rotina diária clara e consistente (hora do almoço, jantar e dever de casa por exemplo).
- Advertir construtivamente o comportamento inadequado, esclarecendo com a criança o que seria mais apropriado e esperado dela naquele momento.
- Usar um sistema de reforço imediato para todo o bom comportamento da criança.
- Manter limites claros e consistentes, lembrando-os frequentemente.

As dicas citadas acima são muito pertinentes para a dinâmica da família na construção de hábitos que promovam o desenvolvimento da criança com o transtorno, trazendo benefícios para todos os envolvidos nesse contexto. Não será uma tarefa fácil para os pais, porém não é impossível; com otimismo, paciência e persistência, mudanças significativas poderão ocorrer.

Dessa forma, a medida em que os pais amadurecem e passam aceitar a criança com suas dificuldades e limitações, saberão acolhê-lo no seio familiar, lhe dando atenção, carinho, afeto e amor, buscando compreender o seu jeito de ser, sem jamais pensar em desistir de lutar por ela. Seguindo em direção das atitudes assertivas para com as crianças com TDAH, os pais deverão ajudá-la na inclusão e integração nos demais ambientes, proporcionando a ela viver o seu direito de ser aceita e compreendida como cidadã, imersa no mundo onde todos possam viver com suas diferenças.

5. A PRÁTICA DOCENTE E O TDAH

5.1. O PROFESSOR E SUA PRÁTICA DE ENSINO COM CRIANÇA COM CARACTERÍSTICA DO TDAH

A escola como instituição, é o local de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo, é nesse ambiente escolar que as primeiras práticas cidadãs são vivenciadas, portanto, cabe a ela oferecer um ensino-aprendizagem que envolva a grande diversidade de pessoas presentes no seu contexto. A sua atuação envolve toda equipe que a compõe,

principalmente o professor, que juntos devem investir seus esforços para uma ação pedagógica voltada para atender as necessidades cognitivas e afetivas dos seus alunos.

O professor tem um papel fundamental no processo de aprendizagens dos seus alunos, ele tem em mãos a tarefa de cuidar e educar tendo que levar em conta a presença da diversidade na sala de aula. Ao lidar com as diferenças, o professor tem a chance de aprender como estruturar seu trabalho, já que não é possível agrupar os alunos com realidades diversas num mesmo nível de categoria.

Dentro dessa grande diversidade de pessoas, cada um com sua peculiaridade única de ser, encontram-se alunos com características do TDAH.

As crianças com características do TDAH são inseridas no ambiente escolar e lá geralmente devido às exigências ao cumprimento de normas e limites os sintomas do transtorno se tornam visíveis. Nestes casos, o professor tem uma condição privilegiada de observação do comportamento das crianças sob os seus cuidados, pois está próximo a elas nas mais variadas situações, tais como atividade em grupo, atividades de lazer, atividades individuais, na interação da criança com adultos e outras crianças. O fato do professor estar envolvido com um grande número de crianças e passar uma boa parte do tempo com elas, possibilita a ele viver uma série de experiências que permite-lhe diferenciar comportamentos esperados para cada faixa etária, ou comportamentos incomuns para aquela idade.

Dessa forma, ele tem condições de perceber que algo não vai bem com essas crianças e, precocemente, identificar esses sintomas e encaminhá-las para uma investigação com o profissional indicado. É necessário que o professor se aproprie de informações sobre o problema que afeta a criança e, no caso, o TDAH.

Sabe-se que o professor não faz o diagnóstico do TDAH, mas ele deve ter o conhecimento necessário para que possa propor algumas ações em sala de aula que venha auxiliar no processo de aprendizagem dessa criança, assim como também passar informações sobre o comportamento desse aluno aos profissionais de saúde para que eles possam fazer o diagnóstico e indicar o melhor tratamento. Mas para que essas ações venham se efetivar se faz necessário que o professor busque conhecer sobre o transtorno.

Mattos (2013, p. 120) afirma que “para lidar com a criança com TDAH, o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de “má-educação”, “indolência” ou “preguiça”.

Segundo Benczik (2000, p.49)

[...] o conhecimento sobre TDA/H, é o passo inicial para ajudar a criança em seu processo educacional. Quanto mais informado o professor estiver a respeito de TDA/H, suas implicações e formas de manejo, maior a chance da criança conseguir

um bom desempenho escolar.

Infelizmente, raros são os professores que têm algum conhecimento sobre o TDAH, e por isso acabam tendo uma visão errônea sobre o transtorno adotando práticas nada recomendadas para essas crianças.

O professor tem a responsabilidades de incluir seu aluno com características TDAH no meio social escolar, que exigirá dele, cuidado e dedicação. Para que esse momento venha acontecer ele tem que buscar as informações sobre o transtorno, conscientizando-se que essa não será uma tarefa fácil, pois é necessário intervir com procedimento adequados, afim de minimizar não somente as dificuldades do aluno como também todo o contexto da sala de aula, pois todos irão se beneficiar com tais procedimentos.

Conforme Martins et. al. (2011, p. 20):

Para tanto requer-se, especialmente, uma efetiva preparação de profissionais de educação, que proporcione um contínuo desenvolvimento pedagógico e educacional, que resulte numa nova maneira de perceber e atuar com diferenças de todos os alunos em classe. Preparação que os faça conscientes não apenas das características e potencialidades dos seus alunos, mas de suas próprias condições para ensiná-los em um ambiente inclusivo, assim como da necessidade de refletirem constantemente sobre sua prática, a fim de modifica-la quando necessário.

Sabemos que a atual conjuntura de muitas escolas não oferece ao professor condições necessárias para que ele possa desenvolver um trabalho com mais autonomia e segurança, ou seja, caminhar junto ao aluno com TDAH. Entre diversos fatores que podem prejudicar a ação do professor em benefício dos seus alunos, principalmente os com TDAH, podemos citar, a falta de incentivos público e privado, a remuneração insuficiente para capacitar-se, sala superlotada com a presença de mais de um aluno com o transtorno e sem a presença de um ajudante para auxiliá-lo nessa árdua tarefa, colocando em risco os resultados de um ensino-aprendizagem de qualidade

Uma das saídas para minimizar essas condições, seria ajudar o professor a conhecer sobre o transtorno, através da disponibilidade de literaturas sobre o TDAH e outros assuntos na área da aprendizagem no acervo da escola, possibilitando ao professor o acesso às informações, bem como oferecer palestras e cursos com profissionais especializados no assunto, colaborando assim para a formação continuada desse professor.

O TDAH não é um problema de aprendizado, mas as dificuldades em manter a atenção, a desorganização e a inquietude vem interferir tanto no rendimento dos estudos como na socialização e na formação da personalidade da criança. Os prejuízos ocorrem nas relações interpessoais, gerando frustrações, baixa autoestima, desajuste, problemas de adaptação em

vários ambientes. Mas é bom ressaltar que nem toda a criança com TDAH apresenta dificuldades na aprendizagem.

A atuação do professor é imprescindível no elaborar, planejar e efetivar o trabalho pedagógico que venha favorecer o progresso da aprendizagem da criança, envolvendo o desenvolvimento das habilidades (saber ouvir, seguir instruções, saber, interpretar questões, etc.) que constituem esse processo que, no aluno com TDAH há um déficit devido à falta de atenção, mas que com o tratamento adequado pode melhorar.

Segundo Mattos (2013, p. 121) “não existe uma abordagem pedagógica específica que possa melhorar a atenção e o desempenho da criança com TDAH”. Portanto, cabe ao professor usar a sua criatividade ao aplicar as estratégias, procurando sempre variar as alternativas de ensino, identificando com qual delas a criança consegue aprender melhor em cada situação. Pode acontecer da criança com TDAH prestar atenção e dedicar-se apenas aquilo que lhe interessar.

Condemarín et. al diz o seguinte:

Isso parece contraditório com o déficit de atenção; entretanto, o que ocorre é que para essas pessoas, é difícil aprender, fixar sua atenção em algo ou alguém, mas uma vez que o consigam, podem permanecer um longo tempo concentrados, independentes do que aconteça à sua volta. (CONDEMARÍN et. al. 2006, p. 99)

Geralmente observamos que a criança com TDAH presta atenção e fica por horas em frente a uma televisão, ao videogame ou computador, e questionamos porque ela não consegue ficar alguns minutos na sala de aula ou fazer uma leitura, “dá a entender que quando ela quer, ela presta atenção”. Essa é uma das características do transtorno, e que ocorre devido a incapacidade de a criança controlar seus sintomas.

Segundo Benczik (2000, p. 47):

É importante para o profissional estar consciente que problemas de atenção dentro do ambiente escolar trazem como consequência uma inadequada produção de trabalho escolar (falha no funcionamento produtivo) em que a criança será incapaz de terminar o trabalho de aula em classe e provavelmente terá um prejuízo em termos de conteúdo teórico.

Existe uma prática bem comum no meio dos educadores, que é o sistema de enviar atividades não concluídas pelo aluno em sala de aula junto com as atividades que irão para casa. Esta prática para os alunos com TDAH, ou para aqueles com características do TDAH sem o diagnóstico, não irá funcionar, pois o aluno ficará sobrecarregado e não conseguirá desenvolver nenhuma das atividades, pois acarretará “um resultado inevitável da baixa produtividade afetada pela desordem” (BENCZIK 2000, p. 47). , partir dessa informação,

cabe o professor mudar sua prática de enviar atividades inacabadas pelo aluno para casa, buscando outras alternativas para resolver a questão.

Uma estratégia que o professor pode adotar em suas aulas para trabalhar a atenção e a organização de ideias do aluno é o uso de recursos visuais, (alguns estão citados na lista de sugestão mais adiante).

Mediante as questões abordadas aqui, podemos ver quão importante é para o professor ter acesso ao conhecimento referente ao TDAH, o qual lhe dará suporte para um ensino com significado. Não podemos ficar alheios às dificuldades que esses educadores enfrentam no seu dia a dia, mas em meio toda a situação adversa, muitos desses profissionais são comprometidos com o seu trabalho e buscam, dentro do possível, oferecer ao seu aluno momentos de crescimento.

5.2. SUGESTÕES PARA INTERVENÇÃO DO PROFESSOR

A autora Benczik(2000, p. 87-90) oferece algumas estratégias para o manejo da criança já diagnosticada com TDAH que podem ser utilizadas com as crianças com características mas sem o diagnóstico, no dia a dia na escola. Essas estratégias possibilitarão ao professor desenvolver um trabalho que facilitará o aprendizado e a integração desse aluno ao meio escolar. Seguem algumas estratégias dignas de mencionar:

- Manter contato com os pais da criança regularmente. Evitar de se reunir com os pais somente nos momentos de crise ou de problemas.
- Ser flexível para lançar mão de uma série de recursos e estratégias de ensino até descobrir o estilo de aprendizagem da criança.
- Incentivar e recompensar todo o bom comportamento e o desempenho. Essa criança funciona melhor por meio de elogios, firmeza, aprovação e encorajamento, pois esses incentivos são suprimentos de sentimentos positivos.
- Dar o conteúdo passo-a-passo, verificando se houve aprendizagem a cada etapa.
- Não enfatizar o fracasso. Essa criança necessita de tudo o que for positivo que o professor puder oferecer. Sem encorajamento e elogios, elas murcham e retrocedem. O prejuízo à autoestima é mais devastador do que o TDAH em si.
- Incentivar a leitura em voz alta, recontar histórias, falar por tópicos. Essas atividades ajudam a criança a organizar as ideias.
- Deve-se repetir, repetir, repetir.

O professor deve considerar que essas sugestões podem se adequar tanto às crianças mais novas como para as mais velhas. Ele terá que equilibrar as necessidades dos demais alunos com a atenção que a criança com TDAH necessita, o que poderá acarretar para o professor um desprendimento de mais energia da sua parte para dar conta. Ele pode buscar para seu auxílio a ajuda dos especialistas presentes na escola, que podem tornar seu trabalho menos cansativo e produtivo.

6. ANÁLISE DA INVESTIGAÇÃO

6.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador João de Brito (nome fictício), situada na Rua João de Brito s/n, bairro Mandacaru nesta Capital, especificamente com os professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A motivação para que a pesquisa fosse realizada nesta escola, se justifica em razão da sua localização em uma área de fácil acesso e pela informação que obtivemos do seu bom acolhimento na recepção aos estagiários.

Os sujeitos considerados nessa investigação foram 06 (seis) professores do 1º ao 5º ano de Ensino Fundamental e 02 (duas) mães² do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental da escola supracitada, onde puderam através de um questionário, explicitar o entendimento que possuem sobre inclusão, TDAH, e estratégias utilizadas para trabalhar a inclusão dos alunos com características do TDAH. Nesta escola, procedemos uma solicitação junto às famílias e professores os quais se dispuserem voluntariamente a participar da pesquisa.

A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem do tipo exploratória, cujo objetivo geral foi observar o conhecimento do professor e da família sobre o TDAH, bem como verificar as estratégias utilizadas pela escola e pela família na inclusão dessa criança.

Segundo Trivinos (1987, p. 109) “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”. Sendo assim, entramos em contato com o nosso objeto de pesquisa para colhermos dados que deram suporte aos nossos estudos trazendo proposições e contribuições para os mesmos.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa foi bibliográfica desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos em formato eletrônico. Segundo Lakatos e Marconi (2005), a pesquisa bibliográfica permite chegarmos a conclusões inovadoras, quando examinamos um tema sob novo aspecto e abordagem.

Diante disso, fizemos uso da pesquisa qualitativa, pois ela tem como característica principal interpretar o fenômeno que se observa objetivando a compreensão e seu significado. Para tanto, concordamos com Neves (1996, p.1) que diz que, “nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada, e a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos

² A pesquisa foi realizada só com mães devido a indisponibilidade de tempo dos pais para participar.

estudados”.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a observação com registro em diário de campo e dois tipos de questionários direcionados aos sujeitos da investigação: professoras que já tenham trabalhado, ainda trabalham ou irão trabalhar com crianças com características do TDAH, e mães de alunos com características desse transtorno presentes na escola.

Através do levantamento de dados a respeito do nível de conhecimento dos dois grupos (mães e professores) sobre o TDAH, analisaremos as condições de inclusão desses indivíduos no Ensino Fundamental e quais as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos da investigação nesse processo, tendo por base o referencial teórico da pesquisa.

Todo o conjunto de referencial teórico que foi utilizado visado a ampliação do nosso conhecimento sobre o tema pesquisado, teve como objetivo a elaboração desse material, oferecendo aos pais e aos professores um aprimoramento do conhecimento sobre TDAH, proporcionando as informações básicas sobre o transtorno, servindo como incentivo para que eles busquem aprofundar seus conhecimentos sobre o mesmo.

6.2. O TDA/H E A INCLUSÃO NA VISÃO DOS PAIS (FAMÍLIA)

No período destinado para aplicação dos questionários com as mães, procuramos aplica-lo no momento em que elas deixaram seus filhos na escola, já que muitas depois desse momento iriam para os seus trabalhos, não dispondo mais de tempo para esse fim. Sabemos que as perguntas e as respostas dirigidas no questionário são valiosas para o nosso estudo, pois é neste momento que os participantes compartilham suas experiências e conhecimento sobre o tema.

O questionário foi aplicado com duas mães, e as mesmas ficaram bem à vontade para que não se sentissem pressionadas. Para preservar a identidade delas iremos classifica-las pelas letras: A e B. Acreditando na importância de sabermos da formação escolar dessas mães para melhor entendimento das questões abordadas no questionário, iniciamos a primeira questão querendo saber qual era a formação escolar. A mãe A disse ter o ensino fundamental completo e a mãe B disse ter o ensino fundamental incompleto.

Na segunda pergunta procuramos saber se essas mães já tinham ouvido falar sobre TDAH. A mãe A respondeu que sim, já tinha ouvido, porém a mãe B respondeu que não. Na terceira questão perguntamos às mães qual a ideia que elas têm sobre o significado do TDAH.

A mãe A respondeu que são dificuldades para a criança e a mãe B disse que é um problema que tem quer ter ajuda de psicólogo.

Rotta et. al (2000. p. 365) afirma que “O TDAH é um transtorno neurobiológico, de causas ainda desconhecidas, mas com forte participação genética na sua etiologia, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida”.

Observamos que falta a essas mães informações precisas sobre o que venha ser o TDAH. Assim como elas existem muitas mães que não tem acesso a informações sobre os problemas de seus filhos. Só através do conhecer elas poderão compreender melhor o que se passa com a criança. Assim como Rotta et. al (2000), traz informações sobre o transtorno, hoje já existe no mercado diversos livros e vídeos com informações sobre o transtorno que poderão auxiliar as famílias a lidar com sua criança.

Na quarta questão perguntamos se as mães já tinham ouvido falar sobre inclusão. A mãe A respondeu que sim enquanto que a mãe B disse que não, complementando essa resposta, perguntamos na quinta questão qual a ideia que elas tinham sobre o significado de inclusão. A mãe A respondeu “A criança ser aceita na escola, na rua onde mora, nos lugares onde vai”; a mãe B respondeu “tem que ser aceito na escola para desenvolver”.

A esse respeito Anselmo afirma que:

O conceito de inclusão pressupõe o respeito às diferenças e a igualdade de direitos. Tendo em vista as diferenças existentes entre indivíduos, alcançar a igualdade presume colocar à disposição das diferentes pessoas e inteligências as condições de acessibilidade, permanência e apoio de que necessitem para desenvolver e exercer a cidadania, tão plenamente quanto possível. (ANSELMO et. al 2012, p. 53)

A inclusão voltada a atender a diversidade e responder às diferenças presentes no ambiente escolar, tem que envolver as famílias, as quais devem ser conhecedoras dos seus direitos e deveres, para que possam requerer junto à escola a prática da inclusão onde suas crianças possam não só permanecer nesse ambiente, mas desfrutar de uma educação que venha propiciar aos seus filhos a oportunidade de superar suas dificuldades.

Na sexta questão apresentamos uma relação de 06 atitudes e perguntamos qual dessas elas consideram um comportamento. A mãe A assinalou, desatenção, agitação e brinca demais; a mãe B assinalou, desatenção, agitação e impulsividade. Observamos que nas duas respostas houve a presença das características do TDAH, as quais foram informadas as professoras dos referidos alunos.

Segundo Benczik (2000, p. 25) “A característica essencial do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é um padrão persistente de desatenção e ou hiperatividade, mais frequente e severo do que aquele tipicamente observado em crianças de mesma idade que

estão no nível equivalente de desenvolvimento”.

Os maiores desafios que se impõem à família em relação à criança com TDAH ou com características presentes sem um diagnóstico, estão associados ao comportamento que não correspondem às demandas da família que, por vezes se apresenta de modo intenso, dificultando suas relações de compreensão e confiança requerendo dos responsáveis por esta criança um desdobramento de seus esforços em busca de uma solução.

Na sétima questão apresentamos uma relação com 10 opções para que eles assinalassem o tipo de sentimento provocado neles, pelo comportamento do filho ao apresentarem sintomas de TDAH. A mãe A assinalou as opções, frustração, preocupação, tristeza, afago e cuidado; A mãe B assinalou as opções, preocupação, estresse, irritação, aborrecimento, impaciência e intolerância. Mattos (2013, p. 90) salienta que “Muitas vezes esse desgaste faz com que os pais demonstrem frustração, irritação e julgamentos tendenciosos em relação ao filho. Discussões familiares, agressões e ressentimento acabam virando coisas comuns”.

Seguindo o mesmo raciocínio Benczik afirma que:

Muitas vezes, essas crianças são identificadas como desobedientes, preguiçosas, mal-educadas e inconvenientes. Não conseguem se adaptar adequadamente ao meio em que vivem e nem correspondem às expectativas dos adultos; por isso, o nível de estresse das pessoas que convivem com elas é sempre alto. Geralmente pais e professores sentem-se perdidos em como devem lidar com elas (BENCZIK 2000, p. 25).

Não é fácil para aqueles que convivem com crianças com TDAH, e mais difícil é ter que lidar com crianças que apresentam as características do transtorno, mas ainda não receberam o diagnóstico. Portanto, se faz necessário que todos os envolvidos no contexto dessas crianças, possam ter o apoio de profissionais habilitados no conhecimento do transtorno e que as informações necessárias de como lidar nessas situações, possa fazer parte da vida das famílias e dos educadores.

Na oitava questão perguntamos quem orienta a criança nas atividades escolares de casa e oferecemos 05 opções. A mãe A assinalou a opção mãe; a mãe B assinalou a opção pai. Seja quem for que oriente a criança, aqui temos algumas observações relevantes para o sucesso dessa tarefa.

De acordo com Mattos (2013, p. 103, 113) “O ambiente deve ser o mais silencioso possível, com o mínimo de coisas que levem à distração”. O mesmo autor ainda afirma “Os deveres de casa servem como meio de reforçar o que foi ensinado na aula, como oportunidade de treino e de identificação daquilo que não foi entendido direito” (ibidem). Sem esquecer que é preciso levar em conta que o aluno com TDAH pode levar muito tempo para completar as

tarefas de casa.

Os pais têm que ter consciência da importância do acompanhamento das atividades dos seus filhos em casa, sabendo que esse momento requer uma série de observações no que diz respeito ao desenvolvimento do seu filho. No terceiro capítulo desse trabalho há uma série de orientações básicas que poderão colaborar com o momento da realização dessas atividades.

Na nona questão perguntamos se os pais acompanhavam os estudos do seu filho, buscando informação sobre o desenvolvimento em sala de aula. Oferecemos 03 opções para que fosse assinalada uma das opções. A mãe A assinalou a primeira opção, “sim, sempre”. A mãe B assinalou “as vezes”.

Desse modo, Goldstein S. e Goldstein M. diz que:

Os pais devem ajudar os professores a aprenderem a procurar, nutrir, e reforçar aquilo que existe de positivo na criança hiperativa e a entender que com o passar do tempo essa criança pode e deve se tornar um membro que colabora para a comunidade escola. Da mesma forma que é importante que os pais se coloquem na posição de seu filho para ajudar a criança a lutar, é igualmente importante que os pais vejam as coisas da perspectiva do professor. Os professores também devem ser francos e honestos com os pais. Como comentou um professor, os pais devem ser incluídos pois “afinal, eles conhecem seu filho melhor que você e podem oferecer ideias valiosas” (GOLDSTEIN S. E GOLDSTEIN M. 2000, p.111).

É muito importante que os pais cultivem uma relação de parceria com o professor do seu filho, pois ela será fundamental no processo de desenvolvimento da criança. Momentos de trocas de informações entre ambos sobre o comportamento e progresso dessa criança em casa e na escola possibilitarão resultados positivos onde todos serão contemplados. Tem que existir mais comunicação entre professor e família.

Na décima questão perguntamos que estratégia os pais adotam em casa para lidar o filho com comportamento hiperativo, desatento e impulsivo, oferecemos 09 opções para que eles assinalassem as que estavam de acordo com a sua realidade. A mãe A assinalou 04 opções: estabelece regras, exerce autoridade; promove momentos de descontração e lazer; promove o diálogo com seu filho (a), dando atenção às suas opiniões; elogia sempre. A mãe B assinalou duas opções: evita deixá-lo sozinho, proporciona um ambiente acolhedor, dá mais amor; deixa-o de castigo sempre que não obedecer.

Nesta perspectiva, encontramos:

[...]recomenda-se manter uma relação familiar estimulante, tranquila e acolhedora, concentrando-se mais nos aspectos positivos da relação do que nos conflitantes. Da mesma maneira, concentra-se nos pontos fortes que a criança possa ter, de modo a assegurar-lhe uma imagem pessoal e autoestima positivas. Finalmente, não permitir que as dificuldades façam com que a maioria das interações com seu filho sejam negativas, assinaladas por castigos, comentários adversos e críticas (CONDEMARÍN et. al 2006, p.191-192).

E Benczik fala:

Para alguns pais é mais fácil tomar uma atitude, ou punir, somente depois de a criança ter feito algo errado. É mais fácil para a criança saber de antemão o que esperado dela em determinadas situações, e os pais devem orientá-la, explicando como querem que ela aja, para que, dessa forma, ela possa tentar corresponder. Os pais devem funcionar como guia para criança, norteador sua conduta (BENCZIK 2000, p. 79).

As posições colocadas pelos autores acima é o ideal para uma boa relação das famílias com a criança com TDAH ou com características do transtorno, porém sem o diagnóstico. Mas a realidade das famílias atualmente está muito distante desses ideais, elas vivem em meio a vários conflitos sem muitas perspectivas de melhoras, são poucas as que conseguem superar com êxito as dificuldades e oferecer momentos onde as relações sejam subsidiadas com muito afeto, atenção, confiança, elevando a autoestima da criança em um espaço onde ela possa ser ouvida e compreendida.

Na décima primeira e última questão perguntamos qual a estratégia que os pais têm utilizado para contribuir com a inclusão do seu filho (a) socialmente. Foram oferecidas 04 opções. A mãe A assinalou 03 opções: busca ajuda de profissionais (psicólogo, médico, psicopedagogo) para compreender as atitudes de seu filho (a) e oferecer-lhe um diagnóstico correto para seu problema; mantém um diálogo com o professor para juntos buscarem meios de incluir o seu filho (a) nos vários ambientes, escolar e fora dele; busca compreendê-lo(a) aceitando suas diferenças, auxiliando nas suas relações com o meio o qual ele (a) se encontra inserido. A mãe B assinalou uma opção; mantém um diálogo com o professor para juntos buscarem meios de incluir o seu filho (a) nos vários ambientes, escolar e fora dele. Vejamos o que diz em alguns estudiosos sobre essas questões:

Segundo Condemarín:

Educar uma criança com TDA/H pode ser uma tarefa difícil, embora estimulante. Aos pais devem prestar apoio reciprocamente, ser equilibrados, justos e ativos na resolução de problemas. Em vez disso, há vezes em que os pais tendem a se isolar social e familiarmente, de maneira que a criança vê limitadas suas oportunidades de desenvolver suas habilidades sociais (CONDEMARÍN et. al. 2006, p. 192).

Mattos (2013) orienta:

Procurar ajuda especializada para aprender a administrar melhor os conflitos e as dificuldades pode ser um caminho. Procurar por ajuda especializada deve ser vista não como reconhecimento de uma falha ou incompetência, mas como o conhecimento de que alguns problemas são mais bem administrados com a ajuda de um profissional especializado em fazer exatamente isso (MATTOS 2013, p. 79).

A família tem papel fundamental na promoção das relações sociais da criança com TDAH, ou com características sem o diagnóstico. É na família que a criança tem o seu

primeiro contato na interação com o outro, sendo assim, ela pode possibilitar ao seu membro vivenciar experiência que lhe permita crescimento positivo nas suas relações, através do desenvolvimento de habilidades que venha ajudá-lo a ter atitudes sociais adequadas. A família pode oferecer recompensas para cada atitude positiva da criança, bem como acompanhá-la por um bom tempo supervisionando suas relações com os amigos mais próximos. A família também pode buscar a orientação e acompanhamento de um profissional especializado.

6.3. O TDA/H E A INCLUSÃO NA VISÃO DOS PROFESSORES

Os questionários aplicados às professoras foram entregues a elas no dia 02 de dezembro com a data prevista para devolução para o dia 05 de dezembro. Na data combinada fomos à escola para fazermos o recolhimento dos mesmos. A coleta de dados através do questionário nos possibilitou conhecermos a opinião dos professores referentes aos seus conhecimentos sobre o tema da pesquisa.

Segundo Lakatos e Marconi (2003) o questionário é um instrumento de coletas de dados formado por um conjunto ordenado de perguntas que devem ser respondidas por escrito, de preferência sem a presença do entrevistador. O questionário deve estar acompanhado por uma carta explicando seu objetivo, sua importância e a necessidade de se obter respostas.

Dessa forma, foram aplicados os questionários e alcançamos total participação dos professores convidados. Passaremos agora a análise desses dados, onde as professoras serão identificadas por letras como: C; D; E; F; G e H. Não fizemos uso das letras A e B por já as haver utilizada na identificação com as mães.

Passaremos agora as informações sobre a formação e tempo de serviço dessas professoras: A professora C, não nos informou a formação nem o tempo de serviço; a professora D, tem a formação em Pedagogia e 03 anos de tempo de serviço; a professora E, tem o Pedagógico e 22 anos de tempo de serviço; a professora F é pós-graduada, porém não informou a área e tem 29 anos de tempo de serviço; a professora G, é formada em Pedagogia e tem 20 anos de tempo de serviço; a professora H é formada em Psicopedagogia e tem 14 anos de serviço.

Iniciamos a primeira questão perguntando o que elas entendiam por educação inclusiva, ao analisarmos as respostas ficaram assim classificadas: as professoras, D, E, G e H

apresentaram respostas que atenuaram para a mesma linha de pensamento, disseram que educação inclusiva é voltada para a inserção social de todos, percebendo o sujeito na sua singularidade combatendo o preconceito e a discriminação; as professoras C e F responderam que inclusão é um processo que visa incluir alunos com necessidades especiais, com dificuldades de aprendizagens transtorno global do desenvolvimento e outras deficiências.

Conforme STAINBACK & STAINBACK (1999, p. 21 apud MARTINS, 2011) a educação inclusiva pode ser definida como “prática da inclusão de todos- independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural-em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas”. Segundo Amaro (2006, p. 39) “na lógica inclusiva, o aluno é valorizado em suas diferenças e nas formas com que estabelece as relações no contexto em que está inserido”.

Então embasados na colocação dos autores acima podemos observar que as professoras C e F possuem uma visão da educação inclusiva voltada para as especificidades que caracterizam determinados grupos ou alunos. Carvalho (2011) afirma que as escolas inclusivas são para todos, envolvendo um sistema educacional que atenda e reconheça as diferenças individuais, voltada para o respeito às necessidades de qualquer aluno, e não só para um grupo determinado.

Na segunda questão, foi perguntado se as professoras já ouviram falar sobre o TDAH e qual o conhecimento que elas possuem sobre o transtorno. As professoras C, D, F, G, H responderam que sim, já ouviram, e com relação ao conhecimento sobre o transtorno todas demonstram saber algo citando nas suas respostas que, “ele é um transtorno de causas genéticas, caracterizado pela desatenção, inquietude e impulsividades” foi citado até a leitura do livro “No mundo da lua”.

Silva (2014), confirma a caracterização do TDAH mediante três sintomas: a distração, a hiperatividade e impulsividade e que são de origem biológica, marcados pela herança genética que se revela na criança antes dos sete anos, confirmando as colocações das professoras. A professora E respondeu que não ouviu falar do transtorno, portanto não tem conhecimento sobre ele. Segundo Benczik (2000, p.49) “Infelizmente, poucos professores têm conhecimento sobre o TDAH. Em muitos casos, eles têm uma percepção errada sobre a natureza, as causas, as manifestações dos sintomas e o que devem fazer. Silva (2014) afirma que os professores devem ter conhecimento sobre o assunto, pois a informação é muito importante para o entendimento de como funciona a mente dessas crianças, além de trazer uma segurança para o professor por saber como ele está compreendendo em trabalhando estas questões em sala de aula.

Na terceira pergunta abordamos a questão da formação do professor, seu preparo para trabalhar com crianças com características, mas sem o diagnóstico ou já diagnosticadas com o TDAH. Foram oferecidas três sugestões para resposta. As professoras C, E, G, assinalaram a primeira opção que afirmava que a formação do professor encontra-se: sem informação, conhecimento, orientação e capacitação.

As professoras D e F assinalaram a segunda opção, a formação acadêmica deficitária, fora da realidade. A professora H ficou com a terceira opção, a formação do professor o prepara para desenvolver um trabalho que contribua com o desenvolvimento cognitivo e afetivo desse aluno.

Diante de tais respostas, podemos observar que os professores sentem a necessidade de programas de formação inicial e continuada. A ABDA (1999), ressalta que algumas das maiores dificuldades dos professores são a falta de incentivos público e privado, a remuneração insuficiente para capacitar-se e a ausência de políticas públicas voltadas para a melhor formação e condições inadequadas de trabalho.

Assim, Martins et. al (2011, p. 21) vem salientar que a formação deve ser continua.

As universidades precisam assumir de forma cada vez mais efetiva, o seu papel de formadoras de profissionais de ensino para atuar frente à diversidade do alunado, nos diversos níveis de ensino. Essa formação no entanto, não deve se esgotar na graduação, mas ser um continuum.

De acordo com Libâneo:

Os cursos de formação inicial têm papel muito importante na construção dos conhecimentos, atitudes e convicções dos futuros professores necessários à sua identificação com a profissão. Mas é na formação continuada que essa identidade se consolida, uma vez que ela pode desenvolver-se no seu próprio trabalho (LIBÂNEO 2001, p. 65).

As iniciativas para uma formação inicial e continuada tem que oferecer uma efetiva preparação de profissionais de educação, dando a chance de melhorar sua prática, voltada para suprir as necessidades dos seus educandos, bem como favorecer a valorização social desse profissional.

Observamos que uma única professora se acha preparada para assumir um trabalho voltado para o desenvolvimento desse aluno, mostrando uma minoria, confirmando assim a necessidade de investimento mais rigoroso nas áreas citadas para uma formação de qualidade.

Na quarta questão procuramos saber das professoras se elas se sentem preparadas para ensinar crianças com característica ou já diagnosticada com TDAH, a maioria respondeu que não, só a professora H que respondeu sim, mostrando mais uma vez o despreparo e a falta de segurança da maioria.

Neste sentido Benczik afirma que:

O professor desempenha um papel crítico na experiência escolar da criança com TDAH. É importante que o profissional de saúde mental possa apoiar o professor em sala de aula, informando-o sobre conceitos básicos do TDAH e sobre os aspectos das desordens de atenção. É útil que os professores tenham pelo menos uma noção básica sobre o TDAH, sobre a manifestação dos sintomas, e as consequências em sala de aula. Saber diferenciar incapacidade de desobediência é fundamental (BENCZIK 2000, p. 81)

Neste cenário de desinformação apresentado pelas respostas da maioria das professoras, constatamos a grande importância de desenvolvermos trabalhos que possam levar informações importantes e básicas como diz a autora Benczik, sobre TDAH. Atualmente contamos com várias literaturas voltadas para esse tema, bem como na era das TICs, podemos acessar sites como o da ABDA e obtermos várias informações sobre TDAH. Com essas informações e o auxílio de um profissional na área, o momento em sala de aula será bem mais promissor assim como o processo de ensino-aprendizagem, envolvendo o professor e seu aluno.

Na quinta questão foi indagado aos professores o que eles fazem para atender as necessidades pedagógicas desse aluno e que tipo de atividade realizou ou realizaria. Nessa pergunta, houve uma diversidade de respostas: A professora C respondeu: “jogos, desenhos, pinturas, músicas”; a professora D “procuro oferecer-lhe atividades do seu interesse e tento trazê-lo para perto para assisti-lo e como forma dele de concentrar e não fugir da cadeira”; a professora E “procuro passar para elas bastante amor, carinho e confiança”; a professora F “colocá-lo sempre perto de alunos que não o provoque, dando responsabilidades que ele possa cumprir, realizar atividades curtas, deixar que se distraia em momentos de exaustão, recompensá-lo quando se esforça e se comporta”; professora G “ainda não tive alunos com este transtorno, mas procuraria desenvolver atividades que chamasse bastante atenção dele, envolvendo-o ao máximo”; e a professora H “propondo atividades lúdicas, prestando atenção ao tempo e a forma como a criança participa das atividades propostas para melhorar a continuidade das atividades”.

De acordo com Benczik:

O professor, apesar de encontrar dificuldade por não ter em sua sala de aula apenas uma criança com problemas de atenção e hiperatividade, tem a responsabilidade educacional no processo de aprendizagens desta. Para tanto, todas as tentativas de recursos disponíveis devem ser utilizadas, até que o professor descubra o estilo de aprendizagem da criança (BENCZIK 2000, p. 84).

Sabemos que nem todos respondem às intervenções oferecidas pelo professor da mesma maneira, e sendo assim alunos com TDAH ou com características mas sem o

diagnóstico, requerem propostas diferentes daquelas que se costuma planejar para a maioria. O professor deve fazer uso das suas experiências em sala de aula e criar estratégias que possibilitem a aprendizagem desses alunos.

Na sexta questão perguntamos quais as dificuldades que o professor enfrentou ou enfrenta para realizar ações didáticas frente a esse aluno. Obtivemos variações nas respostas: a professora C: “Dificuldades por não ser preparada por não estar bem informada sobre a deficiência”; professora D: “Falta de apoio humano, é muito difícil atender vários alunos com dificuldades variadas”; professora E: “As dificuldades estão no comportamento de cada um deles. São um pouco agressivos e não interagem completamente na turma; a professora F: “A maior dificuldade é conciliar o atendimento individualizado ao restante da turma que também requer atenção. Quando o número de alunos por turma é grande piora mais o trabalho”; professora G: “Como disse na questão anterior não recebi ainda, alunos com esse transtorno; professora H: “Ensinar de acordo com processos individuais de aprendizagem”.

Conforme Mattos (2013, p. 120) o professor “[...] terá que conseguir equilibrar as necessidades dos demais alunos com a dedicação de que uma criança TDAH necessita, o que pode ser difícil com uma turma numerosa. Turmas pequenas são preferíveis”.

Apesar dos desafios enfrentados pelo professor ao longo de sua vida no exercício da prática profissional ele sente a necessidade de ter mais apoio no que se refere ao atendimento de crianças com características do TDAH, ou já com o diagnóstico ou ainda com outras dificuldades em sala de aula. Ter o tamanho da turma reduzido e contar com uma auxiliar é um benefício essencial para que a educação inclusiva aconteça, mas sabemos que esse é sonho muito distante da realidade vivenciada pela grande maioria dos professores. No final, ele conta mesmo é com sua criatividade, dedicação e compromisso, e na sua persistência em ajudar o seu aluno ele encontra saída em seu repertório de estratégias, faz ajustes para potencializar a aprendizagem, buscando realizar modificações maiores e mais significativas.

Na sétima questão, perguntamos aos professores se eles têm recebido alguma orientação e recursos pedagógicos para realizar o trabalho em sala de aula, qual o recurso e de quem tem recebido. A professora C disse que sim, da equipe técnica e direção; a professora H respondeu que “um professor que inclui sempre ouve opiniões para chegar a conclusões, mas também busca se capacitar”; os professores, D, E, F e G responderam que não, porém, alguns comentários foram acompanhados por algumas peculiaridades: professora E “Trabalho com muito amor e carinho. E graças a Deus tenho muita Fé em tudo que faço”; professora G “a prefeitura de João Pessoa não promove formação desse nível”.

Para corroborar estes depoimentos Martins escreveu:

É importante que o professor seja apoiado e orientado, no cotidiano escolar, de maneira a ser capaz de refletir de maneira crítica e constante sobre sua prática com base em recursos teóricos e metodológicos, a fim de recriá-la constantemente. Esta reflexão não deve se restringir apenas a uma teorização para compreender e explicar a prática, mas ser efetivamente crítica, de forma que – sempre que necessário – seja capaz de reformular e recriar a realidade vivenciadas em classe (MARTINS et. al 2011, p. 21).

Aqui a autora ressalta a importância do apoio ao professor no cotidiano escolar. Esse apoio poderá ser do gestor, da equipe pedagógica e especialista presentes na escola, afim de melhorar as condições de trabalho desse educador que passa a atuar em conjunto com esses profissionais, sabendo que o aluno com características de TDAH sem o diagnóstico não é responsabilidade exclusivamente sua. Se faz necessários encontros mais frequentes com o professor e a equipe pedagógica, para que ele possa expor suas dificuldades e práticas utilizadas, avaliando e refletindo, para juntos buscarem estabelecer caminhos que venham nortear uma prática baseada no diálogo com o objetivo de atender melhor o aluno em suas necessidades.

Na oitava questão perguntamos como o professor descreve a relação desse aluno com os colegas e professores. A professora C disse que “no início não havia um bom convívio, mas agora todos trabalham com união e coletividade”; as professoras D, E, disseram que “é complicado, os colegas aceitam, mas esse aluno às vezes age com agressividade, os colegas perdem a paciência, mas a relação com os professores é boa”; a professora F disse “que os colegas não discriminam esse aluno e o ajuda na maioria das vezes”; a professora G disse que “não viveu essa experiência, pois não tem aluno com essa característica”; a professora H disse que “a relação é ótima com promoção de participação de todos ao presentes”.

A esse respeito, Condemarín salienta que:

Um número significativo de crianças com TDA/H tem dificuldades para interagir com seus pares. Esse tipo de problemas dentro da sala de aula pode se caracterizar por condutas agressivas ou de isolamento de seus companheiros. Em ambos os casos, as crianças não estabelecem nem mantêm relações satisfatória com seus colegas e professores (CONDEMARÍN et. al. 2006, p. 152).

O aluno com características do TDAH, no seu dia a dia na escola encontra muita dificuldade para desenvolver relações com seus pares. No geral esse aluno não tem desenvolvida habilidades que lhe permita se adequar ao meio e essa ausência acaba por afastar aqueles que tentam manter uma relação de amizade com ele.

Na nona questão foi perguntado como é a relação desse professor com o aluno com características ou já diagnosticado com TDAH. Todos os professores foram unânimes em responder que mantém um bom relacionamento, mas algumas fizeram algumas observações. A professora D disse que “Tento me controlar, não me desgastar por saber que ele consome

muita energia do professor para não rejeitá-lo, criamos um vínculo de confiança, mas é um desafio”; professora F “Apesar de me considerar ainda despreparada, procuro impor limites necessários com atitude disciplinar equilibrada pra um comportamento adequado em sala de aula; a professora H “ de forma colaborativa buscando desenvolver novas aprendizagens, criando oportunidades para conhecer suas experiências vivenciadas dentro e fora da escola”.

Desse modo, Goldstein S. e Goldstein M. postulam:

A criança hiperativa tem um forte efeito sobre o comportamento do professor em relação à classe como um todo. Os estudos mostram que as interações negativas globais entre professores e todas as crianças da classe eram maiores em classes com crianças hiperativas que tinham problemas significativos. Os professores de crianças hiperativas muitas vezes são mais objetivos e restritivos em suas interações, não apenas com essas crianças, mas também com as outras (GOLDSTEIN S. E GOLDSTEIN M. 2000, p.109).

Geralmente o comportamento desse aluno desenvolve no professor uma antipatia e, muitas vezes, rejeição para com esse aluno. Esse professor acaba por tratar todos os alunos com a mesma restrição que ele utiliza para com o aluno com características do TDAH, não permitindo nenhum vínculo de afetividade nos seus relacionamentos em sala de aula.

Na décima e última questão, perguntamos quais as estratégias que os professores utilizaram ou têm utilizado para incluir o aluno socialmente na comunidade escolar. Essa questão a professora C não respondeu; as outras professoras responderam de formas diversas, demonstrando que todas praticam uma ação com o objetivo de incluir esse aluno. Relatamos aqui as palavras dessas professoras.

Desde o 1º dia de aula trabalho inclusão na minha sala de aula, não tenho problemas até hoje, acho que a estratégia principal que o professor deve utilizar na sua sala é perguntar: como vocês gostariam de serem tratados? Então façam o mesmo com o seu próximo. E ele mesmo (professor) deve dar seu exemplo, o aluno sabe quando é aceito, muita coisa pode estar no mundo da lua, mas os seus sentimentos estão bem na terra (PROFESSOR D).

A professora E disse “Incluo eles em todas as atividades da escola, como alunos “normais”. Apesar que ainda existem pessoas que diferenciam eles dos outros. Rejeitam”. A professora F respondeu “Incluindo em pequenos grupos, utilizando técnicas que envolva escrita e ilustração, dando oportunidades de participação em apresentações da turma, despertar nele o interesse pela leitura, aguçando sua curiosidade por gibis, revistas e novos livros, etc.”. A professora G, respondeu “Contribuindo com práticas e ações que possam incluir esta criança sem preconceito”. E, por fim, a professora H disse “Adoto abordagens inclusivas, procurando saber aquilo que não saberei sem abordar. Favorecendo uma aprendizagem que tenha uma relação direta com a necessidade do aluno”.

Conforme Carvalho (2011, p. 28), “Quanto à inclusão, cuja metáfora é a de

caleidoscópio, afirma-se que qualquer aprendiz, sem exceção, deve participar da vida acadêmica, em escolas comuns e nas classes regulares, nas quais deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente”.

A autora supra mencionada, utiliza-se da figura do caleidoscópio³ para dizer que a inclusão envolve uma diversidade de indivíduos cada um com sua subjetividade de ser único, a qual a inclusão nas suas mais diversas formas de atendimento, busca suprir as necessidades de cada aprendiz, oferecendo atendimento educacional a todos sem distinção.

Sabemos que todas as questões aqui apresentadas requerem muitos momentos de reflexão para que possamos identificar os melhores caminhos para uma prática pedagógica mais efetiva dos professores com o apoio da equipe pedagógica, buscando informações que venha colaborar com o trabalho desse professor em sala de aula com a presença de crianças com características de TDAH ou já com o diagnóstico desse transtorno.

³Caleidoscópio – Pequeno tubo óptico formado por um cilindro cujo o fundo está repleto de pedaços coloridos de vidro, sendo estes refletidos por espelho colocados no seu interior, ocasionando, por meio da sua movimentação, imagens coloridas e diferentes. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS)

CONCLUSÕES

A nossa pesquisa foi baseada em crianças com características mas sem o diagnóstico de TDAH presentes na rede pública de ensino. Essas crianças por não terem um laudo que venha confirmar o seu comportamento acabam por viverem situações no seu espaço social, no qual ela é rotulada e conhecida como criança problema, desobediente, preguiçosa, agressiva, desatenta, impulsiva e etc...

Em meio a essa situação vivenciada pela criança, encontra-se a família e a escola na pessoa do professor que desconhecendo a natureza de tais comportamentos acabam passando por situações permeadas pela falta de informação, de compreensão, causando muito estresse, tristeza, cansaço, com uma forte sensação de incapacidade para lidar com o problema.

No decorrer desta pesquisa foi possível fazermos um levantamento de informações e conhecimentos baseados em alguns teóricos sobre a inclusão e o TDAH, trazendo esclarecimentos com vários tópicos que norteiam o tema da pesquisa. A cada nova informação que obtínhamos através do nosso aprofundamento nas leituras bibliográficas, visitas a sites e artigos disponíveis, maior era o nosso desejo de conceder aos sujeitos da nossa pesquisa todo o conhecimento que estávamos tendo acesso.

Os resultados da pesquisa deixaram evidente que tanto a família quanto os professores dispõem de pouca ou quase nenhuma informação sobre inclusão e TDAH. E nesse contexto de falta de conhecimento a respeito desses dois assuntos, famílias e professores se encontram por vezes perdidos nos seus questionamentos sem respostas adequadas que venham suprir suas necessidades de entender o que se passa com a criança.

Foi possível observar pelos resultados da pesquisa que a escola pouco investe nessa perspectiva de conceder a sua comunidade escolar informações sobre esse transtorno, que segundo a ABDA (1999) está presente entre cerca de 3 a 5% das crianças nas várias regiões do mundo em que já foi pesquisado afeta tanto meninas como meninos, tendo uma incidência maior nos meninos. Falta de informações básicas sobre tal transtorno nas escolas, vai refletir negativamente na trajetória do desenvolvimento da criança com características do TDAH.

Para que esse contexto de conflitos vivido pelo aluno com essas características do TDAH sofra modificações positivas, se faz necessário que a escola tome consciência da sua responsabilidade mediante a comunidade sobre cada aluno que adentra ao seu espaço, buscando efetivação de ações que ofereça para comunidade escolar oportunidade de conhecer o que até então é desconhecido. Um dos caminhos mais óbvio seria o encaminhamento dessa criança para uma investigação mais precisa do problema.

Outro ponto que a escola tem que trabalhar com todos envolvidos no ambiente educacional, é a inclusão, concedendo conhecimento necessário para que todos possam lidar com a diversidade presente na escola, aceitando com respeito esse aluno.

A instituição tem que se adaptar às necessidades desse aluno, dar a ele o que ele precisa, aparelhando a escola e salas de aulas para que a inclusão saia da utopia, tornando-se uma verdade na vida escolar de todos os participantes, a qual irá refletir na sociedade em que ele está inserido.

A escola tem que proporcionar aos seus educadores momentos de crescimento diante daquilo que eles não conhecem, ofertando uma formação continuada, concedendo momentos de trocas de experiências e reflexão com outros colegas sobre suas práticas, abrindo espaço para momentos com especialistas na área em questão, tirando suas dúvidas, pois os professores devem ter um mínimo de preparação para atender a demanda desse aluno com características do TDAH.

A escola pode criar um espaço na biblioteca com literaturas atualizadas voltadas para o TDAH e para todas as dificuldades de aprendizagens e vários transtornos que se encontram presente no seio da escola, os quais o professor terá que aprender a lidar no seu dia a dia em sala de aula e fora dela.

Faz-se necessário que essas informações abranjam a família dessa criança permitindo a ela participar de roda de discussões e reflexão sobre o tema. A escola deve abrir espaço para uma comunicação mais efetiva com os pais desse aluno, pois através dessa inteiração as famílias podem passar para escola informações importantes sobre o aluno que venha auxiliar a escola na escolha das intervenções mais adequadas para lidar com esta criança.

É importante que haja um vínculo entre a família e a escola com o apoio dos profissionais habilitados para trabalhar com o TDAH, para juntos buscarem alternativas de práticas educativas que venham contribuir com o crescimento e aperfeiçoamentos de habilidades desse aluno, principalmente com relação à concentração para aprendizagem, melhorando o seu comportamento, dando-lhe a chance de viver em sociedade, participando com seus pares nas mais diversas experiências proporcionadas por essa inteiração, evitando assim a exclusão do universo escolar.

Por fim, a escola deve fomentar na comunidade o desejo de lutar por políticas públicas que venham dar respostas as necessidades das diferenças presentes no seu contexto, buscando defender o direito de todos os alunos à escolarização, com a abolição de práticas homogêneas, investindo em uma prática que reconheça as diferenças.

A nossa expectativa é que esse trabalho de pesquisa possa auxiliar a todos aqueles

(família, professores, amigos e etc.) que passam pelo problema e desejam conhecer mais sobre o tema, com a devida orientação científica.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Deigles Giacomelli. **Educação inclusiva, aprendizagens e cotidiano escolar**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.
- ANSELMO, Roberto Derivaldo (orgs.). **Inclusão- políticas e práticas**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASIELIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (ABDA). 1999. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/>. Acesso em: 08 jan. 2015.
- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2000.
- BRASIL. Decreto Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2335/LDB%209.ed..pdf?sequence=1> Acesso em: 12 dez. 2014
- BRASIL.[**Estatuto da Criança e do Adolescente** (1990)] Biblioteca digital. 7.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/.../estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf Acesso em: 06 fev. 2015.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- CONDEMARÍN, Mabel; GOROSTEGUI, María Elena; MILICIC, Neva. **Transtorno do Déficit de Atenção: Estratégias para o diagnóstico e a intervenção psico-educativa**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS
Disponível em: <http://www.dicio.com.br/caleidoscopio/> Acesso em: 05 fev. 2015.
- FISCHER, Adriana. **Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade: crianças com temperamento difícil e a educação**. Porto Alegre. 2001
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª. Ed. São Paulo. Atlas 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india Acesso: 05 jan. 2015.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.
- GOLDSTEIN, Sam; GOLDSTEIN, Michael. **Hiperatividade: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. 6.ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos (orgs.). **Inclusão: compartilhando saberes**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATTOS, Paulo. **No mundo da Lua:** Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade/TDAH. Rio de Janeiro: ABDA, 2013.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa:** características, usos e possibilidades. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>> Acesso em: 28 jul. 2014.

ROHDE, Luis Augusto; BARBOSA, Genário; TRAMONTINA, Silzá [et, al.]. **Transtorno de Déficit de Atenção.** Revista Brasileira de Psiquiatria vol.22 s.2 São Paulo: Dec 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462000000600003&script=sci_arttext> Acesso em: 20 jun. 2014.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos [et, al.]. **Transtornos da Aprendizagem:** abordagem neurobiológica e Multidisciplinar. Porto Alegre: Artemed, 2006.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Inquietas:** TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade. 4.ed. São Paulo: Globo, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas S.A. 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/84708933/Livro-Introducao-a-pesquisa-em-Ciencias-Sociais-Trivinos>> Acesso em: 30 jun. 2014.

APÊNDICE A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

ORIENTADORA:
ALUNA: MATRÍCULA:
SEMESTRE: TURNO:

Questionário para professores da Escola...

Professor _____
Formação: _____ Tempo de serviço: _____
Atuação: _____

1. O que o senhor (a) entende por educação inclusiva?
2. O senhor (a) já ouviu falar sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade? Qual o seu conhecimento sobre esse transtorno?
3. Como o senhor(a) observa a formação do professor (a) para trabalhar com alunos com características ou que já recebeu diagnóstico de TDAH? Marque com um X.
☐ Sem informação, conhecimento, orientação, capacitação.
☐ Formação acadêmica deficitária, fora da realidade.
☐ Preparado para desenvolver um trabalho que contribua com o desenvolvimento cognitivo e afetivo desse aluno.
4. O senhor (a) se sente preparado (a) para ensinar crianças com característica ou já diagnosticada com TDAH?
SIM ☐ NÃO ☐
5. Como o senhor (a) faz para atender as necessidades pedagógicas desse aluno (a) em sala de aula? Que tipo de atividade realizou ou realizaria?
6. Quais as dificuldades que o senhor (a) enfrentou ou enfrenta para realizar ações didáticas frente a esse aluno (a)?
7. O senhor (a) tem recebido alguma orientação e recursos pedagógicos para realizar o trabalho em sala de aula com esse aluno (a)? Qual? De quem?
8. Como o senhor (a) descreve a relação desse aluno (a) com os colegas e professores?
9. Como o senhor (a) se relaciona com o aluno (a) com características ou já diagnosticado com TDAH e ele (a) com o senhor (a)?
10. Quais as estratégias que o senhor (a) já utilizou ou tem utilizado para incluí-lo socialmente na comunidade escolar?

João Pessoa, _____ de _____ 2014.

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

ORIENTADORA:
ALUNA: MATRÍCULA:
SEMESTRE: TURNO:

Questionário para os pais dos alunos da Escola...

Nome: _____

1. Qual a sua formação escolar? Marque com X
() Ensino Fundamental completo.
() Ensino Fundamental incompleto.
() Ensino Médio completo.
() Ensino Médio incompleto.
() Outro (s) _____
2. O senhor (a) já ouviu falar sobre Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)? Marque com X.
() SIM () NÃO
3. Qual a ideia que o senhor (a) tem sobre o significado de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade?
4. O senhor (a) já ouviu falar sobre inclusão? Marque com X.
() SIM () NÃO
5. Qual a ideia que o senhor (a) tem sobre o significado de inclusão?
6. Que atitudes de seu filho (a) o senhor (a) considera um comportamento? Marque com X.
() Desatenção
() Agitação
() Impulsividade
() Fala alto
() Nervosismo
() Brinca demais
7. Quando o seu filho (a) apresenta os sintomas de desatenção, impulsividade e hiperatividade, que tipo de sentimento provoca em você? Marque com X.
() Frustração
() Desânimo
() Culpa
() Preocupação
() Tristeza
() Estresse, irritação, aborrecimento
() Não me afeta
() Afago, cuidado (vontade de ajudar dar mais atenção)
() Impaciência, intolerância
() Outro (s) _____
8. Quem orienta seu (a) filho (a) nas atividades escolares de casa? Marque com X.
() Mãe

- ☐) Pai
- ☐) Irmãos mais velhos
- ☐) Outros parentes
- ☐) Ele (a) faz reforço escolar

9. O senhor (a) acompanha os estudos do seu filho (a), buscando informações sobre o seu desenvolvimento em sala de aula? Marque com X.

- ☐) Sim, sempre
- ☐) Não tenho tempo
- ☐) As vezes

10. Que estratégia o senhor (a) adota em casa para lidar com seu filho (a) com comportamento hiperativo, desatento e impulsivo? Marque com X.

- ☐) Oferece atenção especial, procura dar ajuda.
- ☐) Respeita os limites e a capacidade do seu filho (a).
- ☐) Evita deixá-lo sozinho, proporciona um ambiente acolhedor, dá mais amor.
- ☐) Estabelece regras, exerce autoridade.
- ☐) Promove momentos de descontração e lazer.
- ☐) Promove o diálogo com seu filho (a), dando atenção às suas opiniões.
- ☐) Elogia sempre.
- ☐) Deixa-o de castigo sempre que não obedecer.
- ☐) Outro(s) _____

11. Qual estratégia o senhor (a) tem utilizado para contribuir com a inclusão do seu filho (a) socialmente.

- ☐) Busca ajuda de profissionais (psicólogo, médico, psicopedagogo) para compreender as atitudes de seu filho (a) e oferecer-lhe um diagnóstico correto para o seu problema.
- ☐) Mantém um diálogo com o professor para juntos buscarem meios de incluir o seu filho (a) nos vários ambientes, escolar e fora dela.
- ☐) Busca compreendê-lo (a) aceitando suas diferenças, auxiliando nas suas relações com o meio o qual ele (a) se encontra inserido.
- ☐) Outro(s) _____

João Pessoa, ____/____/____



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Professor,

Esta pesquisa é sobre a **relação escola e família na inclusão das crianças com características do TDAH: Reflexões e Contribuições da Pedagogia**, sob a ótica dos Professores da escola... e está sendo desenvolvida por Sara Teixeira Chaussê de Freitas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba UFPB, sob a orientação da Prof.^a MS...

Os objetivos desta pesquisa são analisar a relação escola e família na inclusão da criança com características ou já diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, buscando à luz dos referenciais pedagógicos propor reflexões e contribuições para melhoria desse processo assim como realizar levantamento bibliográfico a respeito do TDAH e da inclusão social destes indivíduos; identificar o nível do conhecimento das famílias a respeito do TDAH; identificar o nível de conhecimento dos professores a respeito do TDAH, bem como discutir as estratégias que a família e a escola utilizam para incluir a criança com características ou já diagnosticadas com TDAH socialmente.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder a esse questionário, como também sua autorização para apresentar este estudo em meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, bem como em eventos da área de Educação bem como publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que esta pesquisa não oferece riscos previsíveis para sua pessoa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum tipo de dano.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato pelo e-mail:

Assinatura da Estudante da Pesquisa

Assinatura da Orientadora da Pesquisa

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do (a) Participante (a) da Pesquisa
Local/Data



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Pais,

Esta pesquisa é sobre a **relação escola e família na inclusão das crianças com características do TDAH: Reflexões e Contribuições da Pedagogia**, sob a ótica dos Pais da escola ... e está sendo desenvolvida por Sara Teixeira Chaussê de Freitas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba UFPB, sob a orientação da Prof.^a MS...

Os objetivos desta pesquisa são analisar a relação escola e família na inclusão da criança com características ou já diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, buscando à luz dos referenciais pedagógicos propor reflexões e contribuições para melhoria desse processo assim como realizar levantamento bibliográfico a respeito do TDAH e da inclusão social destes indivíduos; identificar o nível do conhecimento das famílias a respeito do TDAH; identificar o nível de conhecimento dos professores a respeito do TDAH, bem como discutir as estratégias que a família e a escola utilizam para incluir a criança com características ou já diagnosticadas com TDAH socialmente.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de responder a esse questionário, como também sua autorização para apresentar este estudo em meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, bem como em eventos da área de Educação bem como publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que esta pesquisa não oferece riscos previsíveis para sua pessoa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum tipo de dano.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato pelo e-mail:

Assinatura da Estudante da Pesquisa

Assinatura da Orientadora da Pesquisa

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do (a) Participante (a) da Pesquisa

Local/Data